



MINISTRO DOS TRANSPORTES OUVIU REIVINDICAÇÕES DA COTRIJUI



A construção da estrada Ijuí-Santo Augusto-Três Passos e Santo Augusto-Tenente Portela; construção de ferrovia ligando a estação General Luz a Pelotas, definição da ligação hidroviária Jacuí-Ibicuí, conclusão da BR-158 e BR-392 e o reaparelhamento do material rodante da

ferrovia, foram algumas das reivindicações apresentadas ao ministro dos Transportes, general Dirceu de Araújo Nogueira em Rio Grande, pelo diretor-presidente da COTRIJUI, engenheiro Ruben Ilgenfritz da Silva.

Nas páginas centrais desta edição estamos dan-

do detalhes da visita do ministro Araújo Nogueira em nosso Terminal Graneleiro, bem como analisando os problemas do sistema viário em nossa região, que se ressentem totalmente de asfalto na zona que fica a noroeste de Ijuí. A expectativa é que as obras sejam concluídas.

LUIZ FOGLIATTO, NOME DE RUA EM RIO GRANDE

O Bairro Industrial "Almirante Tamandaré", projetado para ser construído na Quarta Seção da Barra, em Rio Grande, terá uma via pública denominada Luiz Fogliatto.

A comunicação foi feita ao diretor-presidente da COTRIJUI pelo prefeito rio-grandino, coronel, Cid Scarone Vieira, através do ofício OG/117, de 16 de maio último. Em sua comunicação, o prefeito da cidade marítima encaminhou cópia da Lei 2764, de 10 daquele mesmo mês, cujo texto é o seguinte:

Artigo 1º — Fica o Executivo Municipal autorizado a dar a denominação de Luiz Fogliatto a uma importante via pública do Bairro Industrial Tamandaré, como justa homenagem do povo rio-grandino ao pioneiro de nosso Superporto.

Artigo 2º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, em Rio Grande, 10 de maio de 1974, Cid Scarone Vieira, prefeito. Na página 3, quem foi Luiz Fogliatto.

DIRETOR DO CTRIN VISITOU COTRIJUI



O diretor do Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional — CTRIN — sr. Humberto Garófalo, esteve visitando a COTRIJUI. Na foto ele aparece com o sr. Mário Beck, gerente da agência do Banco do Brasil em Ijuí e diretores da cooperativa. O texto está na página 3.

CRESCIMENTO DA SOJA NO MUNDO

— Página 4 —

SANTO AUGUSTO EM DESTAQUE

— Página 12 —

HOMEM DESTRÓI O SEU MUNDO

— Página 5 —

PLANTIO DIRETO EM TESTE

— Página 4 —

PASTOREIO DO GADO BOVINO

— Página 10 —

CADERNO DE AVISO E INFANTIL

**COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA**

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Fones: 2160 - 2161 - 2162
Inscr. 065/000770
Inscr. INCRA Nº 248/73
C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO**Direção Executiva:**

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.
Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, Alfredo Schmidt e Bráulio Martins da Rocha.

Suplentes:

José Claudio Köhler, Duílio Fachin e Germano Reinaldo Beutinger.

Armazéns:

Sede - Ijuí	(98.000) T.
Santo Augusto	(77.000) T.
Chiapetta	(20.000) T.
Coronel Bicaco	(20.000) T.
Tenente Portela	(10.800) T.
Vila Jóia	(20.000) T.
Rio Grande	(110.000) T.
Rio Grande	* (110.000) T.

* Em construção.

**COTRIJORNAL**

(Órgão de circulação dirigido ao quadro social)

EXPEDIENTE**Redação e Administração:**

Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Fone 2160.

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9.

Redator Resp. - Raul Quevedo registro profissional no MTPS, 1176 matrícula no SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto, Rui Michel, Frei Matias, O. Ivo Schütz e Telmo Rudi Frantz.

Composto e impresso nas oficinas do "Jornal da Manhã", - Gráfica e Editora Jornalística Sentinela

Editorial**DE APREENSÃO,
EM APREENSÃO.**

Mais uma vez, o agricultor do Rio Grande do Sul vive momentos de apreensão.

A perspectiva de comercialização do produto de maior peso no cômputo da economia familiar do gaúcho - a soja - não vai proporcionar ao produtor aquela rentabilidade que ele precisava receber para compensar os investimentos da lavoura além dos custos elevados de produção.

O rendimento físico das lavouras brasileiras é baixo. É baixo porque o emprego da tecnologia, fator capaz de elevar os índices de produtividade física, é caro. As lavouras do Rio Grande do Sul, por exemplo, quase que sem exceção, precisam de correção de solo. Como as zonas agrícolas localizam-se em regiões de coxilhas, o terraceamento é outra imposição da técnica. O adubo, tanto quanto o corretivo, é outra exigência que alcança cem por cento dos casos.

Falar sobre os altos custos dessas necessidades, torna-se desnecessário, pois o problema é público e notório.

A soma desses fatores, coloca os produtores em situação crítica: não adota a técnica, por não dispor de recursos; colhe menos (e caro) por não adotar a técnica. E esse é o círculo vicioso a que está exposto o produtor rural brasileiro.

Enquanto o Governo não se aperceber da necessidade de estabelecer uma política agrícola definida, para cumprimento plurianual, conforme fez com a indústria, o produtor rural viverá de apreensão em apreensão, produzindo pouco e caro.

O Ministro da Agricultura, ao assumir a Pasta, enfatizou a necessidade do produtor melhorar os rendimentos da produção. Muito justa e procedente a lembrança do senhor Ministro. Não esqueçamos, no entanto, que só o emprego da tecnologia e o consequente uso de insumos no melhor preparo da terra, proporcionará esse objetivo. Infelizmente, a grande maioria dos produtores não tem condições de acesso a essa técnica. O ministro atual, Alysson Paulinelli, que é técnico, sabe disso. Confiamos que ele gestione o estabelecimento de uma política que, mesmo a longo prazo, defina os horizontes agrícolas do País para o bem de todos os brasileiros.

No comentário ao lado continuamos analisando o problema e mostrando como perspectiva, o porque do pequeno crescimento da próxima lavoura do trigo.

Perspectiva**CUSTOS AGRÍCOLAS**

Há quem manifeste surpresa pelo fato da área ocupada com trigo na safra recentemente plantada, ser pouco superior a que foi cultivada na safra anterior, quando o preço fixado para o cereal era bem menos estimulante do que foi fixado para a próxima colheita. Realmente, os Cr\$ 80,00 prometidos para o agricultor nesta safra, representam quase que o dobro do preço da safra de 1973. No entanto, pelos dados que se possui, até aqui, tudo indica que as áreas ocupadas dificilmente mostrarão índices que sobressaiam os da safra anterior.

Pergunta-se, então, quais as causas prováveis do aparente desinteresse do triticulador para o cultivo do cereal, quando o Governo fixa um preço que, aprioristicamente, pode ser aceito como estimulador? A resposta a esta pergunta, detém uma série de considerandos, a saber: preço da terra, preços dos insumos e componentes em geral; preço dos arrendamentos e riscos de produção.

Por um lado, o produtor rural vê-se convidado a plantar trigo. Tem para isso, a perspectiva decretada de um preço que, principalmente se cotejado com o anterior, se lhe figura rentável. Sabe então que, se plantando e colhendo, terá no final da safra a paga de um valor apreciável para o produto do seu trabalho. Ele sabe porém, por experiências anteriores, que não é fácil colher. Para que uma safra seja exitosa, há uma série de fatores de ordem circunstancial, diretos e indiretos, que devem somar-se entre si.

A terra em cujo ventre a semente é lançada, deve estar devidamente corrigida e adubada. Corrigida de sua acidez e fortalecida em suas propriedades férteis, sem o que, não dá trigo em condições comerciais. Mas não é só. Durante o ciclo de crescimento, floração e amadurecimento do trigo, o cereal está exposto a uma série inenarrável de perigos naturais e cíclicos. Os inços, as pragas de insetos, as moléstias, as geadas fora de época, os ventos fortes "acamadores" e as chuvas de granizo, dentre outros fatores mais ocasionais, expõe os tricultores a riscos constantes e iminentes.

O custo da produção, a cada ano, sofre os efeitos da inflação, em escala crescente e avassaladora. No ano passado, segundo estatística do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, o preço da terra para a agricultura no Rio Grande do Sul, teve um aumento de 102 por cento em relação a 1972. A terra, segundo o mesmo informe, foi inflacionada em proporção semelhante em toda a área agrícola do País, ou seja: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso.

Mas há regiões onde a terra teve valorização ainda mais galopante. Nas zonas de trigo e soja, de atuação operacional da COTRIJUI, o mercado de terra tem sofrido inflação até de 200 por cento. Alguns dos componentes da produção subiram em maior proporção, os adubos subiram de Cr\$ 710 a tonelada na anterior safra de trigo para 2.700 nesta safra, com um acréscimo, portanto, de cerca de 400 por cento. Não havia, assim, condições para aumentar as áreas de cultivo, como seria de desejar. Entre plantar menos em terras melhores preparadas e mais em terras sem o devido preparo, o triticulador está optando pela primeira. O risco que a lavoura tritícola proporciona, exige muito cuidado e o máximo de garantias possíveis.

Segundo a FAO - organismo das Nações Unidas para agricultura e a alimentação - o Brasil vem conseguindo nos últimos anos um acentuado crescimento em sua produção agrícola. Mas esse crescimento é devido fundamentalmente à incorporação de novas áreas à produção. Quer dizer: às derrubadas e ao desmatamento de nossas últimas reservas florestais e não ao rendimento dos níveis de produção.

Zelar para que o agricultor obtenha o máximo possível de garantias de êxito em sua lavoura, pelo uso da tecnologia, dos insumos em geral e da terra a preços razoáveis para cultivar, significa fator de excelente perspectiva de crescimento econômico.

O SR. LUIZ FOGLIATTO

Nasceu a 3 de janeiro de 1924, em Júlio de Castilhos. Ainda moço veio para Ijuí, onde seus pais — Bortolo Fogliatto e Maria Dreon Fogliatto — passaram a residir.

Cursou o ginásio no Colégio Estadual de Santa Maria, demonstrando, desde moço, inusitado interesse pelos estudos. Prova disso, foram as diversas menções honrosas que recebeu. Aos 17 anos é formado contador e, chamado pelo pai, vem trabalhar em Ijuí, a 31 de dezembro de 1941.

Em 25 de julho de 1950 casou-se com Laís Fossatti Heins de cuja união teve quatro filhos. São eles: Laís Maria, Luiz Artur, Leda Maria e Laura Maria.

Participou ativamente do progresso do município, sendo membro da Associação Comercial de Ijuí, acionista e membro de diretorias de várias empresas.

Como pecuarista e pioneiro na lavoura mecanizada, Luiz Fogliatto, mais do que ninguém, sentiu na própria carne as dificuldades de comercialização para os produtos primários. Por isso, em princípios de 1957, reuniu-se com mais de 25 agricultores no intuito de esboçar e fundar uma Cooperativa Triticola. E a 20 de julho do mesmo ano era fundada a Cooperativa Triticola Serrana Ltda., sendo membro do Conselho de Administração.

Mais tarde, em 2 de junho de 1966, em assembléia na qual compareceram mais de mil associados, Luiz Fogliatto é eleito presidente da Cooperativa. Preocupado em montar uma infraestrutura capaz de dar condições ideais ao incremento da produção e seu escoamento, esboçou o plano "produção-armazenagem-escoamento". Essa esboço foi, num futuro próximo, uma alavanca para o desenvolvimento e para

o cooperativismo e a economia regional.

Para o incremento da produção em bases racionais, foram criados dois departamentos de vital importância para a agricultura: O Departamento Técnico e o Departamento de Crédito. Logo depois, foi criado o Departamento de Assistência Social.

Seguindo o esquema, foi ampliada a capacidade estática dos armazéns de 18.000 para 245.800 toneladas e construídos 70 vagões graneleiros.

A obra mais gigantesca de sua carreira, porém, foi a construção do Terminal Marítimo de Rio Grande. A 27 de dezembro de 1969, o plano de construção do Terminal foi aprovado pela Assembléia Geral, iniciando-se, de imediato, gestões junto ao Governo, engenheiros, órgãos financeiros e firmas construtoras.

Em junho de 1972, menos de dois anos do início das obras, atracava no Terminal da Cotrijui o primeiro navio, para um carregamento experimental. Tudo funcionou a rigor e os carregamentos passaram a se suceder, atingindo a expressiva cifra de 46,6% do total exportado pelo Estado, embora as obras ainda em andamento.

Mas Deus, através dos seus desígnios, não permitiu que o sr. Luiz Fogliatto comparecesse à inauguração de sua grandiosa obra. O Terminal foi inaugurado dia 16 de outubro de 1972 com a presença do presidente da República, general Emílio Garrastazu Médici. Dois dias antes, a 14 de outubro, Luiz Fogliatto, falecera, depois de rápida enfermidade. Ficou o seu exemplo, o seu idealismo, a sua capacidade e amor ao cooperativismo, fundidos no ferro e no concreto de sua obra, o Terminal Graneleiro de Rio Grande, no futuro Distrito Industrial Almirante Tamandaré, na Quarta Seção da Barra.

DIRETOR DO INCRA VISITOU A REGIÃO

Em visita a região, à 10 de junho último, o diretor do Departamento de Desenvolvimento Rural do INCRA, engenheiro-agrônomo Benedicto Miranda, esteve em visita às instalações da COTRIJUI, oportunidade em que também foi recepcionado por seus diretores, inclusive com um jantar nas dependências da Sociedade Recreativa Ijuí.

O técnico, que se fazia acompanhar de altos funcionários daquele organismo, ao responder discurso proferido pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, após jantar na Recreativa, disse que na verdade as autoridades do setor cooperativo brasileiro nada tem a ensinar no Rio Grande do Sul; mas sim a aprender. Especificamente quanto a COTRIJUI, disse o agrônomo Benedicto Miranda que a cooperativa representa um dos mais fortes es-



teios do cooperativismo nacional.

Acompanhavam o diretor do INCRA durante sua estada em Ijuí, os engenheiros-agrônomos Antonio Ribeiro Re-

zende Neto, Carlos Plínio Sperb, Enildo Diniz Caldeira, Claudio Martins da Silva, Alcione Irineo Burin e Filogonio de Assis Bezerra. A foto é um flagrante da visita.

BANQUEIRO AMERICANO VISITOU A COTRIJUI

Esteve em visita a COTRIJUI, na primeira semana de junho último, o vice-presidente do "The Chase Manhattan Bank", sr. Roger D. Stone. Fazia-se acompanhar dos srs. Julio Peña Gutierrez, diretor da Carteira Rural do Banco Lar Brasileiro e o engenheiro-agrônomo Eduardo Augusto Menezes, do mesmo banco, agência de Porto Alegre.

O banqueiro norte-americano e seus acompanhantes foram recepcionados pelo diretor vice-presidente Arnaldo Oscar Drews, que prestou as informações solicitadas. O sr. Roger Stone, que é jornalista, residiu três anos no Rio de Janeiro como correspondente do "Times Magazine". Ficou muito impressionado com a grandeza da COTRIJUI e seu sistema de operação, nos diversos setores. Na foto, um flagrante da visita.



BRADERCO

O diretor do Departamento Operacional de Crédito Rural do Banco Brasileiro de Descontos — BRADERCO — sediado em Osasco (Cidade de Deus), São Paulo, sr. Walter de Freitas, este-

ve em visita a COTRIJUI, no dia 11 de junho.

O banqueiro paulista, que se fazia acompanhar do gerente do BRADERCO em Ijuí, sr. Nelson B. Stürmhoebe, teve oportunidade de observar parte das instalações da cooperativa, na sede.

DIRETOR DO CTRIN VISITOU COTRIJUI

O diretor do Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional — CTRIN — sr. Humberto Garófalo, acompanhado pelo eng. agr. Fernando Sabóia Carneiro Leão, esteve em visita à região noroeste do Estado, nos primeiros dias de junho último.

Em Ijuí, o sr. Humberto Garófalo visitou as instalações da COTRIJUI, tendo demonstrado interesse pela organização cooperativista.

O sr. Humberto Garófalo, que substituiu no CTRIN ao sr. Antonio Carlos Silveira Abbott, que pediu aposentadoria, foi chefe durante muito tempo do Conselho de Desenvolvimento da Pecuária — CONDEPE —

organismo a que deu impulso durante sua gestão. Antigo gerente do Banco do Brasil e especialista em crédito agropecuário, o sr. Humberto Garófalo assumira o Conselho de Desenvolvimento da Pecuária a convite do ex-ministro da Agricultura, sr. Luiz Fernando. Cirne Lima, onde agora o ministro Alysson Paulinelli foi buscá-lo para dirigir o CTRIN.

Homenageado com um churrasco íntimo pela direção da COTRIJUI, na sede da Associação dos Funcionários da AFUCOTRI, na Linha 3—Oeste, compareceu junto com o gerente da agência local do Banco do Brasil, sr. Mário Beck.

TREINAMENTO PARA CONSELHEIROS FISCAIS DE COOPERATIVAS

O Projeto Alto Uruguai de Cooperativismo, conhecido pela sigla PIDCOOP, vai promover na cidade de Santa Rosa, a 11 de julho corrente, um curso para treinamento de conselheiros fiscais de cooperativas.

Os interessados devem estar às 8 horas da manhã desse dia na Cooperativa Triticola

Santa Rosa Ltda. — COTRI-ROSA.

O PIDCOOP, organismo criado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, ao qual pertencem mais de 30 cooperativas da região do Alto Uruguai, tem em vista o desenvolvimento do cooperativismo e seu fortalecimento através da união das pequenas co-

operativas às grandes, como forma de participação empresarial numa sociedade capitalista cada vez mais competitiva.

O curso para conselheiros que promoverá em Santa Rosa, dentre outros cursos que o organismo vem promovendo, visa exatamente dar uma maior compreensão da problemática que gira em torno do setor.

A SOJA E SEU CRESCIMENTO NO MUNDO

Segundo estatística levantada nos Estados Unidos, a soja registrou em 1973 a taxa de crescimento anual mais alta da história. A produção do grão foi estimada em 58 milhões de toneladas, o que representa 22 por cento ou 10 milhões de toneladas a mais do que o total de 1972.

A área cultivada no mundo, segundo a mesma estatística, totalizando 45 milhões de hectares, foi 15 por cento superior a área de 1972.

Esse aumento anual seguiu-se a um ganho de nove por cento em 1972, em comparação com o aumento médio de cinco por cento no período de 1966 a 1970.

Os Estados Unidos e o Brasil, maiores exportadores, respondem por 80 a 11 por cento, respectivamente, do aumento registrado na produção de 1973. A produção elevou-se ligeiramente na União Soviética e na República Popular da China, às quais cabem, no conjunto, uns cinco por cento do aumento mundial no referido ano.

De 1970 para cá o Brasil duplicou a área plantada com soja e triplicou a sua produção — de um milhão e meio de hectares e um milhão e meio de toneladas em 1970, para quatro milhões de toneladas, em 1973, respectivamente.

Estados Unidos, Brasil e China produzem no conjunto, cerca de 94 por cento do total mundial de soja. Apesar de outros países estarem desenvolvendo o plantio do grão, essa posição ainda continuará inalterada por muito tempo, em face da grande distância que separa esses três países dos demais produtores. Na Améri-

ca Latina, além do Brasil, pelo menos três outros países aumentaram sua produção de soja nos últimos anos. A Argentina, de 37 mil toneladas em 1970, passou para 272 mil em 1973; Colômbia, de 95 para 132 mil no mesmo período e finalmente o Paraguai, de 52 mil para 130 mil toneladas.

Nos dias atuais, a soja tornou-se elemento de importância trancendental na economia de muitos países. Sua versatilidade como matéria-prima além da riqueza em proteínas para consumos humano e animal, elevou-se à categoria de alimento principal em muitos países do Oriente. Realmente, seria preciso ir ao Japão ou à China para ver o amplo uso da soja como alimento.

A história registra que os chineses já conheciam o valor alimentar e as inúmeras utilidades da soja, há mais de 5.000 anos.

No mundo ocidental, a soja começou a ser conhecida há pouco mais de 50 anos. Seu cultivo no Ocidente começou pelos Estados Unidos, em pequeninas regiões de Illinois, onde era produzida com a finalidade de servir de alimento para o gado.

Somente ao término da Segunda Guerra Mundial, na década dos anos 40, a soja começou a subir de importância na produção agrícola norte-americana. Hoje, conforme se constatou no início desta reportagem, a soja ultrapassa em valor outros importantes itens da agricultura do grande país, como o milho, trigo, algodão e fumo.

A soja no Brasil já foi motivo de reportagem no COTRIJORNAL. Em nossa edição de nº3, de setembro de 1973, nossos associados poderão reter aquela matéria.

CONHECIDOS PRIMEIROS RESULTADOS EM PLANTIO DIRETO

O Departamento Técnico da Cotrijui, a Secretaria da Agricultura e a Granja Experimental da Imasa, realizaram um experimento de manejo do solo a fim de verificar, após alguns anos, quais as práticas de preparo do solo mais conveniente.

Essas práticas são influenciadas pelas condições de precipitação, tipo de solo e quantidade de matéria orgânica no solo. Devido a isso, é necessário que o estudo seja realizado durante vários anos, a fim de não incorrer em erros.

Neste primeiro ano, os rendimentos obtidos da soja, variedade Santa Rosa, foram os seguintes:

TIPOS DE PREPARO DO SOLO RENDIMENTOS OBTIDOS

1. Globeado somente: 2.720 kg/

ha; 2. Discado somente: 2.817 kg/ha; 3. Subsolado, lavrado e discado: 2.850 kg/ha; 4. Plantio direto: 2.860 kg/ha; 5. Subsolado e discado: 2.955 kg/ha; 6. Lavrado e discado: 2.857 kg/ha.

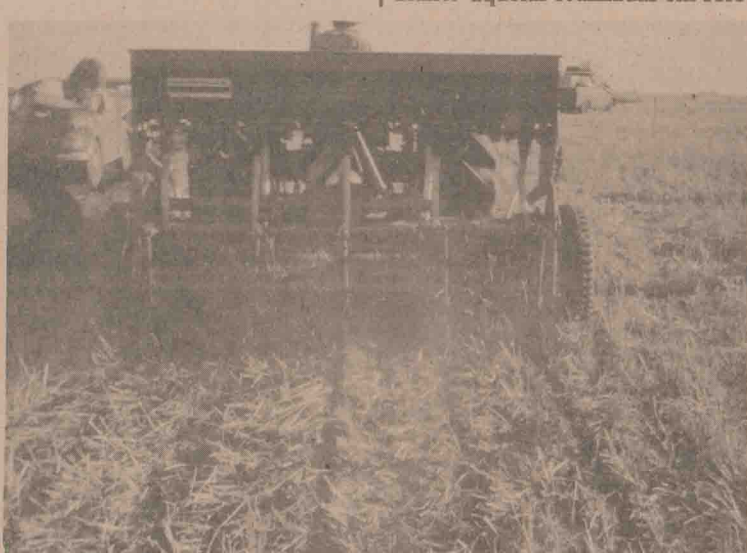
Paralelamente, foram realizadas lavouras demonstrativas nas propriedades dos seguintes associados: 1. Ary Liede, em Linha 8 Oeste, Ijuí: 2.100 kg/ha; 2. Irmãos Foletto, Dr. Bozano, Ijuí: 1.560 kg/ha; 3. Dari Megliolaro, Boa Esperança: 2.070 kg/ha. 4. Alceu Carlos Hickembick, Dr. Bozano: 1.620 kg/ha. 5. Edeimar Friedrich, Monte Alvão, Ajuricaba: 1.820 kg/ha. 6. Benjamim Liebich, Monte Alvão: 1.680 kg/ha. 7. Waldeimar Michael, Fundo Grande, Au-

gusto Pestana: 1.680 kg/ha. 8. Alfredo Driemeyer, Ponte Branca, Augusto Pestana: 1.560 kg/ha. 9. João Carlos Milzareck, Cel. Bicaco

1.050 quilograma por hectare.

Essas lavouras apresentaram desenvolvimento normal, semelhante àquelas realizadas em solo

preparado. Nas fotos, duas fases do plantio direto, em lavouras da região.



POSSE NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INFORMAÇÃO RURAL — ABIR

Em solenidade levada a efeito a 11 de junho que passou, foi empossado na presidência da Associação Brasileira de Informação Rural, com sede no Rio de Janeiro, o jornalista José Resende Peres.

Durante a solenidade de posse, o jornalista José Resende Peres, que é natural de Minas Gerais, foi diplomado "Cidadão do Estado da Guanabara", outorga que lhe foi concedida pela Assembléia guanabarina por proposição do deputado Geraldo Araújo.

A nominata da diretoria que assumiu a ABIR com Re-

sende Peres, é a seguinte: vice-presidente, Arthur M. de Castro Barbosa; secretários, Francisco Thomas Neto e J.M. Nogueira de Campos. Tesoureiro, R.D'Almeida Guerra Filho e João Pessoa de Castro Araújo. Conselho fiscal, Francisco Pereira, Alcione José Osta e Cesar Teixeira. Conselho deliberativo, Claudio R. P. Fornari, Gastão Thomas de Almeida, Carlos Arthur Repsold, Luiz A. Penna, José Kalil, William Simão e Jorge Bierrenbach de Castro.

Para a posse da diretoria da ABIR, a direção do COTRIJORNAL recebeu atencioso convite.

DIRETORES DA "MARUBENI" NA COTRIJUI

Os srs. Tashiro Nishizawa, Yoshiji Wada e Atsuo Ioh, respectivamente, diretores da Nihon Koyu Co, Ltd; Marubeni Corporation, ambas de Tóquio, Japão e Marubeni do Brasil S.A., filial de Porto Alegre, estiveram em visita a COTRIJUI no dia 12 de junho.

Os empresários nipônicos, que demonstraram grande interesse pela COTRIJUI, ao visitarem suas instalações centrais, foram recepcionados pelo diretor vice-presidente, sr. Arnaldo Drews e diretor Euclides Casagrande. A foto mostra os diretores da "Marubeni", ladeados pelos diretores da cooperativa, no gabinete da presidência.

REGIÃO AMPLIA USO DE ÁGUA TRATADA

Os municípios de Miraguaí e Braga, segundo informam seus respectivos prefeitos, srs. Alcides Szulezewski e Mário Danilo Gonçalves, terão em breve serviço de água tratada.

A obtenção dos melhoramentos anunciados será em convênio de cada um daqueles municípios com a Companhia Riograndense de Saneamento — Corsan.

O município de Miraguaí terá o início das obras de sua caixa d'água ainda no decorrer deste mês. Em junho o prefeito Alcides Zulewski assinou o contrato da obra com os diretores da Corsan, srs. Telmo José Bins, Sylvio Sirângelo e Paraguassu Flores, em ato levado a efeito na Capital do Estado.

O HOMEM PRECISA SALVAR O SEU MUNDO

As reportagens que publicamos nesta página, fruto de trabalho de pesquisa da redação do COTRIJORNAL, não se constituem em tentativa de sensacionalismo ilógico. São, na verdade, a expressão de uma filosofia redatorial que vem caracterizando este jornal desde o seu primeiro número. Além do mais, a redação baseia seu raciocínio amparada na expressão de sociólogos, ecologistas e cientistas de renome, esperando que seu trabalho, apesar de modesto, sirva de alguma forma para sensibilizar de alguma maneira quem tenha poder de decisão para conter a ação que se processa no País, contra a ecologia.



A CLOROFILA E A VIDA

As plantas só não se desenvolvem sob temperaturas extremas ou quando há ausência total de luz ou água. Como se sabe, elas estão ausentes das crateras de vulcões, das zonas cobertas por neves eternas, dos desertos ou em altitudes superiores a 6.500 metros.

Assim mesmo, e dando mostra de proezas de adaptação as mais incríveis, ao longo da história da Terra, tem se constatado a presença do verde da clorofila em estágios dos mais precários. Sobre rochas, penhascos, sob a água, equilibrando-se sobre muros conforme temos mostrado através de seções deste jornal, em verdadeiros desafios às próprias leis da ecologia.

Devemos dizer que sem plantas, isto é, sem árvores, não poderá existir a vida animal. Tanto os animais — e é claro, dentre estes se enquadrará o homem — como as plantas, são organismos heterotróficos, isto é, necessitam de substâncias orgânicas alimentares fornecidas pelo ambiente onde vivem. Dependem, portanto, das plantas verdes, que são as únicas capazes de fabricar substâncias orgânicas a partir de compostos inorgânicos.

A maioria das plantas são seres autotróficos. Isto é, possuem a capacidade de nutrir-se exclusivamente de substâncias inorgânicas. Sua clorofila, que dá a cor verde das folhas, possibilita uma completa síntese de carboidratos a partir de elementos extraídos do ar e da água. Esse processo é chamado fotossíntese. Os compostos orgânicos sintetizados pelas plantas verdes constituem assim a base da nutrição dos organismos, especialmente dos animais e dos homens.

A FLORESTA E A ECOLOGIA

O equilíbrio ecológico na Terra está interligado à existência das plantas; isto é, das florestas. Os seres vegetais são os componentes básicos para a preservação do fator ecológico na biosfera. Isso não só por serem os vegetais fonte de alimento para os animais, como pela atuação indireta na atmosfera, no solo e na fauna.

Numa zona vegetal plena, a relação vital entre os seres que a compõem é garantida por um ciclo contínuo de alimentos, de tal ordem que basta a extinção de uma espécie para que as demais passem também a desaparecer.

Chega-se a conclusão, portanto, que a participação direta dos vegetais na manutenção do equilíbrio ecológico, é fundamental. A ação direta dos vegetais na ecologia local, determina a própria fauna.

Além disso, os vegetais são os veículos condutores do fluxo de água do solo para a atmosfera e vice versa. Dessa forma, interferem diretamente no próprio ciclo hidrológico, desempenhando com a atmosfera o papel de organismo regulador da radiação solar. Como se sabe, a atmosfera filtra os raios solares que atingem a Terra, impedindo que as radiações que atingem o homem lhe sejam fatais.

A fauna está intimamente ligada à flora, pois as plantas dão aos animais silvestres, alimento e abrigo. De sorte que, quando se destroi as florestas de uma região, destroi-se ao mesmo tempo os pássaros que as habitam.

A derrubada de matas, aliada a outros fatores como a própria caça, reduzem drasticamente a procriação dos animais silvestres, concorrendo para a sua extinção. Essa sistemática, sem dúvida vai se tornando fatal ao homem que num círculo vicioso passa a depender de venenos para combater as pragas que atacam as plantas.

A TERRA ESTÁ ESFRIANDO

Dois cientistas norte-americanos, os srs. Rudolf Pueschel e Helmuth Weickmann, declararam que a Terra vem apresentando um processo acelerado de esfriamento. As causas atribuídas por aqueles cientistas é de que a grande quantidade de pós químicos lançados no espaço pelos complexos industriais, representam o fator principal.

No entanto, o regime descontrolado de chuvas pelo excesso do volume de água em épocas impróprias, notadamente para as culturas, representa problema ainda mais grave. Sem dúvida, o crescente descontrolo das diferentes estações climáticas que se verifica no planeta, tem muito a ver com a destruição das camadas verdes que cobrem a Terra.

É sabido que nada substitui as florestas naturais. Mesmo que se replante os espaços com essências de pinheiro ou eucaliptos, segundo afirmam os ecologistas, o efeito não é o mesmo. As florestas nativas representam a manifestação natural da ecologia ambiental. São o fruto de uma manifestação global, somados os conjuntos do meio, do qual o homem é o componente principal. Cessada uma partícula desse complexo, é evidente que o conjunto deixa de ser o mesmo. E em se tratando de árvores, elemento regulador do clima em geral, pode assegurar-se que o mal causado ao ambiente natural é ainda maior.

As perspectivas do homem, na Terra, são sombrias. Os ecologistas estão dizendo que se o homem chegar ao ano 2.000, terá transformado os 3,2 bilhões de hectares de terras cultiváveis em argila: imprestável e consumido todo o alumínio, petróleo, chumbo e cobre do Planeta. Resta saber se surgirão cabeças sensatas em quantidade e em tempo hábil para evitar esse auto-massacre.

QUE IDADE TEM A TERRA?

Apesar dos diferentes métodos usados para cálculo da idade da Terra, como uma orgulhosa e recatada senhora, ela mantém-se inflexível na incógnita. Sabe-se, no entanto, que ela percorreu uma longa trajetória, venceu diferentes etapas de sua evolução antes de adquirir o aspecto que tem hoje, com muitos recantos formosos e que fazem a delícia visual e física dos seres vivos.

Para os geólogos, a crosta terrestre tem duas zonas de estudo. São a crosta, ou camada de superfície e a litosfera; a camada morta. Debaixo dela se encontram as camadas de matéria em ebulição: os vulcões e gases superaquecidos. Esta tem uma espessura de 120 km, compondo-se de um cem número de rochas inativas.

A outra zona da crosta, a chamada hidrosfera, é composta pelo solo marinho, onde sobressai a plataforma continental: É a zona bacial, que estende os limites de fronteira dos países. Pode se dizer que é a região de rebentação dos mares.

Mas os fenômenos externos também influem na face da Terra, contribuindo para alterar seu aspecto e sua ecologia. Em primeiro lugar estão a luz do sol e seu reflexo através da luz, que mantém em perfeito movimento os mares que corroem inexoravelmente o litoral. O regime atmosférico, chuvas e clima, também têm sua parte na alteração da superfície terrestre.

Zelar para que os regimes de ventos e de chuvas sobre a Terra se mantenham dentro dos limites físicos da ecologia natural, é sábia política de sobrevivência. A preservação de florestas naturais nas diferentes partes do Planeta, é questão preponderante dessa política de sobrevivência.

O PRINCÍPIO E O FIM

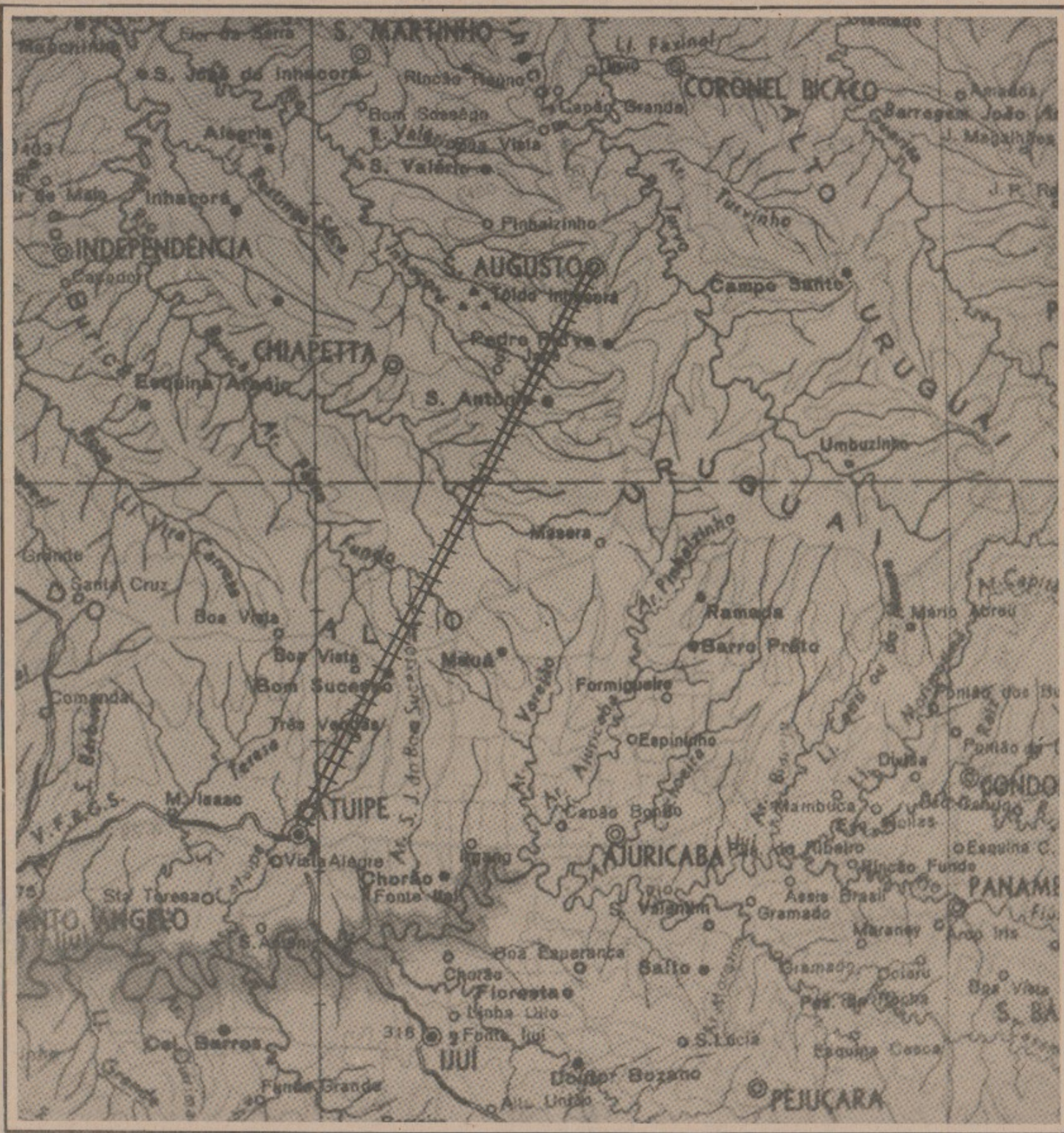
Para usar uma linguagem com sabor bíblico, diríamos que no princípio era o caos. Mas trabalhando Deus com denodo e prazer, tudo fez para o proveito e bem-estar do homem, que criou à sua imagem e semelhança.

O homem que a princípio vivera alegre e despreocupado no seu Eden, ao ter que "ganhar o pão com o suor do rosto", seja por preguiça congênita ou por espírito maligno, começou a criar uma série de artifícios de destruição. Ao descobrir o fogo, não parou mais de destruir. Depois descobriu o machado, as serras manuais, as serras elétricas, a máquina e mais recentemente os poderosos "bulldozers" e os herbicidas e arbuscicidas, desfolhantes químicos tipo "agente laranja", altamente tóxicos que no processo crescente de devastação da natureza são lançados de avião sobre florestas inteiras, destruindo-as completamente, e cujos exemplos mais nocivos aconteceram no Vietnã.

E já que aludimos a Bíblia, lembramos a parábola dos alimentos caídos do céu sobre o deserto. Mas hoje é o homem, cada vez mais poderoso em tecnologia, que inverte o processo. Em vez de preservar as condições de ecologia natural, faz chover veneno sobre regiões plenas de vida e de exuberante beleza, matando e envenenando tudo, numa ação de tal envergadura que coloca em graves riscos a permanência de seres vivos no planeta Terra.

Se o homem não for contido na sua voracidade de agente destruidor do meio ambiente e continuar arrasando suas florestas conforme advertem ecologistas do mundo inteiro, por volta do ano 2 mil, tudo voltará a ser o que era antes do Eden: o caos de que fala o Velho Testamento.

COTRIJUI PEDIU MELHORIA RODOVIÁRIA, FERROVIÁRIA E HIDROGRÁFICA NO ESTADO



Assinalado no mapa, o trecho reclamado da ferrovia.

estação General Luz a Pelotas, dando assim continuidade à Estrada do Trigo;

2) — Interiorização da ferrovia, reestudando-se a malha ferroviária do Estado;

3) — Recuperação da capacidade de tração das linhas existentes, mas, se julgada prioritária a construção de uma nova ferrovia General Luz-Pelotas, seriam usadas as linhas existentes para retorno dos vagões vazios, menos exigentes quanto a via permanente, o que evitaria os constantes acidentes ferroviários ocorridos face as deficiências técnicas da via permanente;

4) — Definição da ligação Jacuí-Ibicuí que, caracterizada, determinaria uma distância média de 200 Km da zona de produção até a hidrovia;

5) — Conclusão das rodovias programadas, destacando-se a BR-158 e BR-392;

6) — Reaparelhamento do material rodante da ferrovia, dentro dos termos do protocolo assinado entre a União e o Estado, em setembro de 1973.

Com referência ao tipo ideal de vagões, permitimo-nos lembrar a necessidade de se prever a construção de vagões que possibilitem o transporte de insumos (adubos e calcário) a granel, quando do retorno dos mesmos à zona de produção.

Outrossim, consideramos a premente necessidade de pavimentação das estradas alimentadoras da zona de produção, evitando que a ocorrência de chuvas paralise completamente os transportes. Destaca-se, nesse particular, a construção da estrada Ijuí-Santo Augusto-Três Passos e Santo Augusto-Tenente Portela. Atenciosamente. Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI.

Exmo. Sr. General Dirceu de Araújo Nogueira, DD. Ministro dos Transportes. Senhor Ministro.

Atendendo gentil convite formulado pelo diretor da 8ª Diretoria Regional do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, com jurisdição neste Estado, para apresentarmos nossas observações referentes aos sistemas de transportes inicialmente e em anexo, estamos levando à consideração de V. Excelência dados referentes ao Terminal Marítimo da COTRIJUI, consubstanciados em quadros de capacidade nominal e capaci-

dade real, bem como a situação atual do transporte para escoamento da presente safra de soja.

Em face do quadro real mencionado, há a destacar a grande defasagem entre a capacidade real de recebimento do Terminal, de 28 mil toneladas de capacidade diária e a carga realmente recebida que tem alcançado em média, 8.000 t.

Permitimo-nos salientar a V. Excelência que, no entender da COTRIJUI, as medidas fundamentais em termos de correção da atual defasagem são:

1) — Construção de uma nova ferrovia ligando a

CAPACIDADE FÍSICA DO TERMINAL DA COTRIJUI EM RIO GRANDE

Juntamente com as reivindicações viárias feitas ao ministro dos Transportes pelo diretor-presidente da COTRIJUI, em Rio Grande, o engenheiro-agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva entregou ao general Dirceu de Araújo Nogueira, os dados a seguir, referentes a capacidade física do Terminal e suas condições de operacionalidade, juntamente com a situação de recebimento e carregamento em data de 3 de junho que passou.

A COTRIJUI fez essa exposição ao ministro dos Transportes, por solicitação do diretor da 8ª Região do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis no Rio Grande do Sul.

CAPACIDADES REAIS	
1) Capacidade de armazenagem — 220.000 toneladas das quais 110.000 toneladas concluídas e 110.000 tons. a serem concluídas até o final do corrente ano.	
2) Capacidade de expedição:	
2.000 tons. X 15 horas efetivas de trabalho	= 30.000 tons/dia
30.000 tons/dia X 25 dias por mês	= 750.000 tons/mês
3) Capacidade de recebimento:	
3.1) Por ferrovia	
500 tons. X 20 horas efetivas de trabalho	= 10.000 tons/dia
3.2) Por rodovia	
500 tons. X 20 horas efetivas de trabalho	= 10.000 tons/dia
3.3) Por hidrovia	
400 tons. X 20 horas efetivas de trabalho	= 8.000 tons/dia, sempre que houver navio será feito transbordo direto, acrescentando na capacidade de carregamento do navio.
4) Capacidade total de recebimento diário	= 28.000 tons/dia
5) Capacidade total de recebimento mensal	= 25 dias X 28.000 tons. = 700.000 tons.

SITUAÇÃO ATUAL — SAFRA DE SOJA 1974

1) Expedição:

Já foram embarcados até esta data 8 navios com a tonalagem média de 19.000 tons., numa cadência de 1.200 tons. por hora, proporcionando um "despatch" total de US\$ 250.000,00,

que significa um acréscimo ao produtor de US\$ 1,6 por tonelada embarcada. No momento em que estiver demarcada a barra de acesso ao Porto de Rio Grande, permitindo operar com um calado de 42 pés, ao invés de 32 pés permitidos no momento, poderemos receber navios maiores, permitindo alcançar cadências de carregamento muito próximas da capacidade nominal.

2) Recebimento:	
A afliência média de carga chegada ao terminal, é de apenas:	
2.1) Por ferrovia	= 4.000 tons/dia
2.2) Por rodovia	
em média estamos recebendo em 2 turnos diários de trabalho (20 horas)	= 4.000 tons/dia
2.3) Por hidrovia	
equipamento e testes que preveem com toda segurança alcançar	= 400 tons/hora.
Observação: O máximo de mercadoria recebida num dia foi de 13.000 tons., que foi o total da carga chegada por ferrovia e rodovia.	

CAPACIDADE NOMINAL	
1) Capacidade de armazenagem — 220.000 toneladas das quais 110.000 tons. concluídas e 110.000 tons. a serem concluídas até o final do corrente ano.	
2) Capacidade de expedição:	
2.000 tons. X 24 horas de efetivo trabalho	= 48.000 tons/dia
48.000 tons/dia X 30 dias por mês	= 1.440.000 tons/mês
3) Capacidade de recebimento:	
3.1) Por ferrovia	
500 tons. X 24 horas de efetivo trabalho	= 12.000 tons/dia
3.2) Por rodovia	
500 tons. X 24 de efetivo trabalho	= 12.000 tons/dia
3.3) Por hidrovia	
500 tons. X 24 horas de efetivo trabalho	= 12.000 tons/dia
4) Capacidade total de recebimento diário	= 36.000 tons/dia
5) Capacidade total de recebimento mensal, 30 dias X 36.000 tons.	= 1.080.000 tons/mês

RAMAL FERROVIÁRIO ENTRE CATUIPE E SANTO AUGUSTO

Antiga aspiração das classes produtoras da região, a construção de um ramal da Rede Ferroviária Federal ligando os municípios de Catuípe e Santo Augusto, foi outra reivindicação apresentada em separado pelo presidente da COTRIJUI ao ministro dos Transportes.

A ligação por ferrovia de Catuípe a Santo Augusto teve levantamento de viabilidade econômica elaborado pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado — FIDENE, trabalho encomendado pela COTRIJUI.

O resultado do trabalho de viabilidade, que resultou num longo relatório com cerca de 200 páginas, que já havia sido entregue ao ex-ministro dos Transportes, coronel Mário Andreazza, também foi oferecido em Rio Grande ao ministro Dirceu de Araújo Nogueira, juntamente com a seguinte exposição:

"Exmo. sr. general Dirceu de Araújo Nogueira, DD. ministro dos Transportes. Como subsídio a V. Excelência e com-



O barro, o pó. Um acidente sobre a ponte do rio Ijuí e o trânsito pára.

ESTRADA IJUÍ-TRÊS PASSOS EXPECTATIVA E DUVIDA

A reportagem do COTRIJORNAL percorreu a região, cujo traçado será servido pela reclamada estrada Ijuí-Santo Augusto—Campo Novo-Três Passos, no momento em que ainda circulavam os jornais da Capital e da região, trazendo em suas páginas o Edital de Concorrência da referida estrada.

Os prefeitos ouvidos, além das lideranças políticas e econômicas, não têm muita esperança de que "a concorrência pública divulgada seja para valer".

O prefeito José Américo Martins, de Campo Novo, que também é presidente da Associação dos Municípios da Região Ceilero, diz sem muita convicção que "se o Governo lançou concorrência pública para tomada de preço da obra, esta deve sair". Lembra, no entanto, que quando da estada do secretário dos Transportes, coronel Nunes Leal, em Crissiumal, este havia afirmado que a obra seria financiada pelo Banco Mundial. Apenas se o banco não fizesse a estrada, ela seria construída pelo Governo do Estado. O lançamento de concorrência para a construção da estrada, segundo o

prefeito camponense, caracterizou a desistência do organismo financeiro mundial. Ele ignora se o Estado possui recursos financeiros para construir a estrada.

ESTRADA NÃO SAI A CURTO PRAZO

Para o prefeito do município de Santo Augusto, sr. Carlos Alberto Castagna, a estrada não será iniciada na atual administração Estadual. O prefeito santouguense baseia seu raciocínio nas próprias palavras do governador, coronel Euclides Triches, quando de sua visita a Santo Augusto, nos primeiros dias de junho.

Em palestra feita na oportunidade e que foi transmitida pela Rádio de Três Passos, o coronel Euclides Triches disse que tinha consciência da importância e necessidade dessa estrada, cuja reivindicação ouvia desde os tempos do primeiro Governo do engenheiro Ildo Meneghetti, mas que sua construção só seria iniciada quando outras obras em construção fossem sendo concluídas.

Por outro lado, finalizou o vice-prefeito em e-

xercício, Carlos Alberto Castagna: "Se o Governo fosse realmente começar a construção dessa estrada, não estaria removendo terra e empedrando o trecho Ijuí a Santo Augusto, através do DAER, pois o dinheiro empregado aí seria canalizado para a obra da nova rodovia".



Prefeito de Campo Novo.



Prefeito de Santo Augusto.

Construção da estrada Ijuí-Santo Augusto-Três Passos e Santo Augusto-Tenente Portela, construção de ferrovia ligando a estação General Luz a Pelotas, definição da ligação Jacuí-Ibicuí, conclusão das BRs-158 e 392 e reaparelhamento do material rodante da ferrovia, dentro dos termos do protocolo assinado entre a União e o Estado em setembro do ano passado, foram algumas das reivindicações apresentadas ao ministro dos Transportes, general Dirceu de Araújo Nogueira pelo presidente da COTRIJUI, engenheiro Ruben Ilgenfritz da Silva, quando da visita do titular dos Transportes em Rio Grande, nos primeiros dias de junho.

O ministro Araújo Nogueira veio ao Estado com a finalidade principal de observar a situação da ponte sobre o canal do São Gonçalo, em Pelotas e constatar os problemas decorrentes para o escoamento da soja, através do porto de Rio Grande. Na Cidade Marítima, visitou o Terminal Graneleiro da COTRIJUI, organismo responsável pelo maior volume de escoamento dos cereais exportados pelo Rio Grande do Sul e ouviu as reivindicações da COTRIJUI, manifestadas por seu diretor-presidente. O engenheiro-agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva passou às mãos do ministro Dirceu Araújo Nogueira, as seguintes exposi-

ções de motivo:

COOPERAÇÃO COMO FATOR DE CRESCIMENTO COMUNITÁRIO

A cooperação é uma forma econômica que existiu desde os tempos primitivos.

No povo romano se encontram vestígios que provam a existência do espírito de associação e formas de economia coletiva.

Entre todos os povos germânicos, a vida agrária desenvolveu-se, desde o começo, sob as bases cooperativas. Até aos tempos modernos, mantiveram-se associações que datam da antiguidade e cujo fim era a realização de certos objetivos, como, por exemplo, as associações de drenagem, de irrigação, de baragens, para a exploração de florestas com serrarias, etc.

A criação pecuária deu lugar a associações de caráter econômico, nas quais muitos trabalhos se faziam em comum.

Traços de agrupamentos de camponeses, para o fim de transformar o leite, foram descobertos desde os primeiros tempos da idade média nos Alpes suíços, italianos e franceses e mesmo na Inglaterra.

Afirma-se que, no Erivan (Armênia), perto do monte Ararat, onde, segundo o texto bíblico, teria sido o berço da humanidade, funciona, ainda hoje, uma forma particular de leiteira cooperativa, que data dos tempos pré-históricos. As mulheres armênicas que se ocupavam da produção de artigos de alimentação formam, para o preparo dos queijos, uma espécie de cooperativa, que tem como fim economizar, tanto quanto possível, o combustível, tão raro na Armênia.

Nos povos eslavos, encontram-se formas de comunidades agrícolas coletivas: a zadruga dos Sérvios, o mir russo, etc.

Havia na Rússia, uma instituição econômica mais aproximada da cooperativa moderna: o artel. O que está bem claro é que eram associações de trabalho que datavam do século XIX, formadas, sobretudo, de pescadores, lenhadores, agricultores, etc.

No próprio reino animal, temos muitíssimos exemplos de ajuda mútua. Existe o auxílio mútuo no reino animal, seja para a defesa da prole (família), seja para a defesa do indivíduo isolado, seja para a defesa da coletividade, seja para a obtenção do alimento indispensável para a subsistência.

Quem não conhece a vida social das abelhas? São elas um dos mais belos exemplos

do auxílio mútuo na natureza, não obstante não ultrapasse ele o limite da colmeia. Ligadas, todas, pela idéia do interesse da defesa da comunidade. Como as formigas também se associam às abelhas, para as migrações, revelando um senso nítido, claro, da assistência mútua, da solidariedade, em suma.

E desse espírito que as domina na luta da vida, afeite o homem uma clara lição de energia criadora e de beleza moral, dele tirando os mais belos exemplos.

As formigas, bem o sabemos, possuem, em alto grau, o espírito associativo. Entre elas "toda espécie de trabalho: a criação da prole, a provisão de alimentos, a construção, a criação de larvas, etc., é realizado segundo os princípios do auxílio mútuo voluntário", fazendo-nos reconhecer que o traço principal, fundamental, é o auxílio ao outro, mesmo representando para nós um sacrifício.

"Isolado, o indivíduo social é incapaz de qualquer tarefa útil; em companhia de seus semelhantes, sabe resolver no bom sentido as maiores dificuldades."

O cooperativismo é a chave que conduz ao grande edifício da solidariedade humana.

ENCONTROS DE LÍDERES

Promovidos pelo Convênio Cotrijui-Fidene, durante o mês de junho, realizaram-se os seguintes encontros de líderes:

No dia 4 de junho, às 14 horas, no auditório da Rádio Municipal de Tenente Portela.

No dia 11 do mesmo mês, foi realizado o encontro em Coronel Bicaco, nas dependências do Salão Paroquial. No dia 12, com início às 14 horas, realizou-se outro encontro de líderes, em dependências do CTG "Pompílio Silva", da cidade de Santo Augusto.

Em todos esses encontros participou uma equipe do Instituto de Educação Permanente (IEP) da Fidene.

Os encontros tinham como objetivos: revisar as atividades desenvolvidas até a presente data e planejamento de novas atividades.

Serão realizados mais os

seguintes encontros de lideranças rurais: no mês de agosto, dia 7, às 14 horas, na sede da Rádio Municipal, em Tenente Portela; dia 9, às 14 horas, na sede do Sindicato dos Tra-

balhadores Rurais, em Miraguaí; dia 13, às 14 horas, no Salão Paroquial de Coronel Bicaco; dia 14, às 14 horas, no CTG "Pompílio Silva", de Santo Augusto e dia 16, às 14 horas, no clube de Vila Jóia.

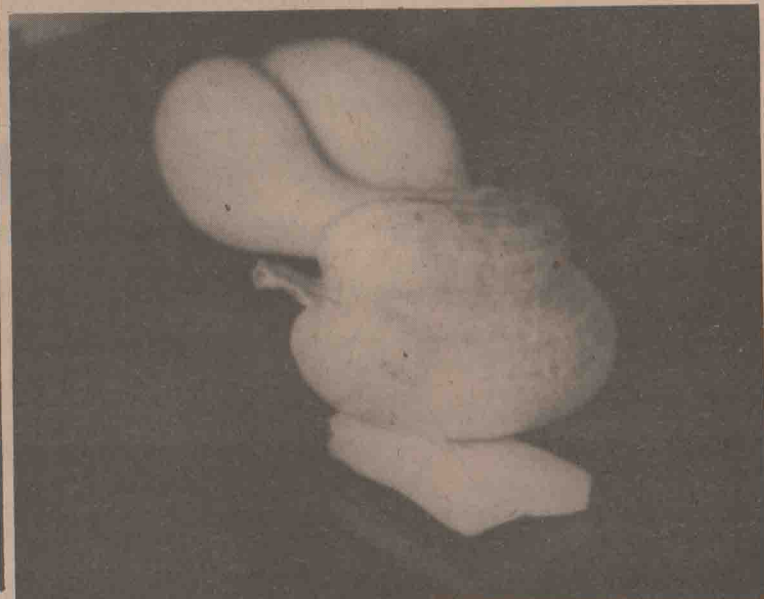
Para o mês de outubro será realizado mais um roteiro de encontros de líderes rurais, com as seguintes datas e locais: dia 10, às 14 horas, no auditório da Rádio Municipal de Tenente Portela; dia 2, com início às 14 horas, na Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguaí; dia 4, às 14 horas, em dependências do Salão Paroquial de Coronel Bicaco; dia 8, às 14 horas, no CTG "Pompílio Silva", de Santo Augusto e no dia 9, às 14 horas, no Clube de Vila Jóia.

Desses encontros poderão participar de 2 a 3 líderes de cada Núcleo de Base.

ABÓBORA XIPÓFAGA EM VILA JÓIA

Do Distrito de Jóia, que se localiza no município de Tupanciretã, nos veio a abóbora que ilustra este texto. Foi remetida pelo sr. Luiz Mariotti, gerente da unidade da COTRIJUI, naquele município. A abóbora gêmea foi colhida na lavoura do sr. Honório Burtet, associado da COTRIJUI.

Conforme pode se notar pela fotografia, a abóbora nasceu e cresceu duplicada, tendo o mesmo formato e circunferência. Trata-se de um exemplo característico de planta xipófaga. Fotos para esta seção devem ser remetidas para: COTRIJORNAL. Caixa Postal, 111 - 98700 - IJUÍ.



a melhor receita para multiplicar a produtividade da sua lavoura.



adubos pampa sa

O VERDE DA TERRA

Rua Gravataí, 145 - Caixa Postal, 142 End. Telefônico "ADUSPAMPA"

Fones: 72-1067 - 72-1383 - 72-1571 - Canoas - RS.

ADUBOS - INSETICIDA - CALCÁRIO

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas
Caçula Ltda. - R. 15 de Novembro, 448
IJUÍ - R. GRANDE DO SUL

CULTURA POPULAR

CANTIGAS DE RODA



As rodas e os brinquedos cantados, quanto a seus nascedouros, perdem-se na noite dos tempos.

Cantigas de roda, acalantos, toadas e outras formas de manifestação de arte infantil, são jóias preciosas que devemos conservar na mais autêntica forma do telurismo.

Rossini Tavares de Lima, folclorista dos mais eruditos que o Brasil possui, é defensor da tese de que as cantigas infantis devem ser "obrigatoriamente cantadas nas escolas brasileiras", como manifestação de cultura popular. E Laura Della Monica, professora de folclore da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em seu livro "Rosa Amarela", editado pelo Conservatório Musical Marcelo Tupinambá, diz que "No Brasil as crianças ainda brincam de roda, graças a Deus".

A autora paulista parece

que foi excessivamente otimista a esse respeito. Infelizmente, a dança de roda vai aos poucos silenciando no nosso País. Já não se ouve, como antigamente, as "Cirandas, cirandinhas" nas calçadas e praças públicas de nossas cidades, cantadas com a graça infantil e os trejeitos geniais das meninas brasileiras, que faziam o encanto dos mais velhos.

Já em 1940 (há 34 anos, portanto), escrevendo na Revista da Semana, do Rio de Janeiro, um artigo intitulado Canta, Criança do Brasil, a folclorista e estudiosa da música urbana, Mariza Lira, afirmava: "As crianças de hoje não cantam nem ouvem cantar cantigas infantis. Não adormecem mais ao som dos ingênuos acalantos que formam a base de nossas tradições".

Transcrevemos a seguir, do livro de Laura Della Monica, uma das mais belas páginas do can-

cioneiro infantil: A moda de tais anquinhas, conforme pesquisa levantada pela autora no bairro do Limão, em São Paulo, no ano de 1961.

1 - A moda de tais anquinhas
É uma moda estrangulada,
Depois do joelho em terra.
Faz a gente ficar pasmada.

2 - Fulana sacode a saia
" levanta o braço
" tem dó de mim
" me dá um abraço.

3 - Palma, palma, palma
Pé, pé, pé
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é.

A foto que ilustra este texto foi tirada em Irapuá, no posto indígena do Guarita. As crianças, todas indígenas, estudam no grupo escolar do referido posto.



GEOGRAFIA CURIOSA

NO "GRAND CANYON"

Nas Montanhas Rochosas, região dos Estados Unidos que se estende do México ao Ártico, existem formas curiosas de montanhas em toda a vastíssima extensão. Mas é no Planalto de Colômbia, no Colorado, que segundo os cartógrafos, encontram-se as mais belas formas forjadas na rocha bruta, o que representa o paciente trabalho multimilenar da natureza, como essa da pedra-

equilibrista do Colorado.

Com a intenção de familiarizar nossos associados com a geografia física e os fenômenos que as vezes a caracterizam, estamos criando mais esta seção, que sairá sempre que não surjam problemas de espaço. A exemplo do que fazemos com a seção Caprichos da Natureza, pedimos que nos remetam fotos que apresentem aspectos raros da geografia

CASAS HISTÓRICAS

"MATRIZ DEL SACRAMENTO"



A cidade de Colônia, no Uruguai, chamada por muitos historiadores de "Gibraltar da América", conserva no seu bairro histórico muitos prédios que datam da época de sua fundação, no século XVII. Dentre esses prédios, muitos deles ruínas que vem sendo restaurados aos poucos pela Comissão de Reconstrução, dirigida pelo historiador Fernando Assunção, destaca-se a "Iglesia Matriz del Santísimo Sacramento", que se ergue na praça principal de Colônia.

Testemunha ocular dos três séculos de existência da cidade fundada por D. Manuel Lobo, em 1680, a própria igreja é um manancial de história dentro da história do Sacramento.

O COTRIJORNAL relaciona os registros de maior significação na vida do referido templo católico, cuja foto se vê acima, num flagrante tirado pelo jornalista Raul Quevedo, durante visita feita àquela cidade, em março do corrente ano.

Ano de 1680 - construção da igreja por Portugal. Em 1699, reconstrução de seus muros, destruídos durante a guerra contra a Espanha. Em 1707 a Colônia passa ao poder da

Espanha, que modifica a sua estrutura. Em 1717, pelo Tratado de Utrecht, a Colônia é devolvida a Portugal. De 1722 a 1735, graças a auxílio financeiro concedido pelo povo do Rio de Janeiro, a igreja é reconstruída com muros de 2 metros e 45 de largura, da forma que se mantém até hoje. Em 1777, pelo Tratado de Santo Ildefonso, a Colônia passa para o domínio da Espanha. Nesse mesmo período, durante o governo de Ceballos, o templo é desprovido de toda a sua ornamentação e aí se colocando, por volta de 1780 a 1781, os inválidos da guerra.

Em 1799 foi destruída por um incêndio, tendo se conservado apenas os grossos muros. Em 1808, sob a orientação do arquiteto Toribio, uruguaio, ela foi reconstruída. Apenas os muros originais foram mantidos. No ano de 1823 voltou a ser destruída por uma explosão, mas os grossos muros se mantiveram em pé. Entre 1824 e 1841 voltou a ser reconstruída, sob a supervisão do vigário Domingo Rama. Em 1967 voltou a receber melhoramentos, inclusive nas duas torres, em trabalhos dirigidos pelo arquiteto Miguel Odriozola.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PASTEJO

Eng^o. Agr^o. Renato Borges de Medeiros.

A definição mais usada nos diz que pastejo é a arte de fazer o animal entrar em contato com o pasto no momento certo, de tal maneira que se obtenha um equilíbrio entre as necessidades do animal e as da planta. Esta definição é muito expressiva, mas no entanto devemos ter em mente que o principal objetivo é satisfazer as necessidades alimentares do gado, já que o pasto foi feito para o animal. Em decorrência sempre que estabelecermos uma pastagem não devemos esquecer que, em primeiro lugar, ela destina-se a fornecer todos os princípios nutritivos essenciais ao desenvolvimento do animal. Uma boa pastagem é aquela que está formada por espécies forrageiras de boa qualidade e de alta produção e que, sobretudo, sejam facilmente consumidas pelos animais. Assim, na formação de uma pastagem, devemos escolher espécies que apresentem estas características e que sejam tecnicamente recomendados para a região.

Na realidade, voltando ao que nos propomos discutir, o manejo das pastagens envolve um grande número de variáveis, das quais vamos focalizar as

principais. Para realizar um pastejo racional, em primeiro lugar, é indispensável que o criador ou o responsável pelo manejo dos animais seja bastante observador. Com o tempo esta pessoa, auxiliada pelos conhecimentos técnicos, vai aprendendo a conduzir o pastejo. Um criador dotado desta característica não terá dificuldade em determinar o momento exato

em que a planta deve ser pastada ou ceifada, o máximo de tempo a ser pastada, bem como determinar o tempo de descanso até o próximo pastejo (período em que ela não deve ser pastada ou ceifada).

No momento nos interessa analisar o manejo das forrageiras de inverno e de um modo especial as anuais. Para se obter um bom aproveitamento das pastagens anuais é essencial que existam algumas divisões (piquetes) da área de pastagem.

De um modo geral o momento e a intensidade de pastejo são decisivos em relação a produção e a longevidade das forrageiras. O momento do corte ou pastejo é determinado pelo estágio de crescimento das plantas. Apesar da escassez de informações para as condições do Estado, com as forrageiras anuais de inverno recomenda-se fazer o pastejo antes que as plantas iniciem a formação dos colmos (caules). Neste estágio de crescimento as plantas já acumularam reservas no sistema radicular que possibilitam a elas realizar um vigoroso rebrote. Se o pastejo ou corte for efetuado em estágio mais avançado de desenvolvimento, ocorrerá a morte de muitos afilhos (plantas).

Ainda, a maior ou menor recuperação das plantas, também depende da área foliar (restos de folhas) que permanece após o corte ou pastejo. Em função disto os animais devem ser retirados da pastagem quando ainda existem algumas folhas. Na prática podemos considerar que uma altura de corte de 6 cm. acima do nível do solo (al-

tura de resteva) já possibilita um bom rebrote. Também é recomendável realizar o pastejo o mais rápido possível, pois quanto menos tempo permanecerem os animais na pastagem, menores serão os danos do pisoteio sobre as plantas. Isto se consegue mediante a divisão da área de pastagem em piquetes de tal forma que, para pastear cada piquete, os animais não permaneçam mais do que uma semana sobre a pastagem. Com este procedimento também estamos diminuindo a possibilidade de que uma mesma planta seja pastada por mais de uma vez, o que provocaria o seu esgotamento.

Como referimos anteriormente, após o corte ou pastejo a pastagem deve ficar em descanso para que possa realizar o novo crescimento. Contudo, para que ela atinja o ponto ótimo de pastejo com rapidez, recomendamos fazer uma adubação de cobertura com uréia na base de 30 kg/ha. Os resultados deste manejo, os animais rotacionando de um piquete para o outro, como já discutimos, dependem muito da habilidade visual da pessoa que executa. Este sistema não segue leis ou normas rígidas, devendo sofrer adaptações para cada caso.

O criador poderá estabelecer boas espécies forrageiras, dividir bem a sua propriedade, rotacionar os animais na hora certa, enfim realizar um bom manejo de corte ou pastejo, mas ficará insatisfeito com o rendimento de seu trabalho se não adubar anualmente as suas pastagens.

O CENTEIO E SEU VALOR FORRAGEIRO

O centeio é o menos palatável e o mais fibroso dos cereais de inverno, contudo é o menos exigente em fertilidade e o que melhor desenvolve sob o efeito de baixas temperaturas. Em resumo, pode-se dizer que em condições desfavoráveis é o cereal de inverno que apresenta melhor desenvolvimento. Em decorrência destas características ele vem sendo considerado como excelente forrageira de inverno para o Estado, principalmente para as regiões mais frias e de baixa fertilidade natural. O seu valor forrageiro diminui com a maturidade. Na proporção em que aumentam os caules diminuem as folhas, determinando sensível redução na sua palatabilidade e qualidade. Isto sugere que o centeio deve ser pastejado em estágio bem precoce, ou seja, antes das formações dos caules.

O centeio é um cereal cultivado tanto para pastejo como para grãos. Aqui no Estado, mesmo após três pastejos, ele ainda apresenta boa produção de grãos. Quando os cortes ou pastejos não prejudicam o desenvolvimento das plantas, as colheitas alcançam rendimentos superiores a 1.000 kg/ha.

As cultivares mais usadas em nosso meio são o

Pico, o Abruzzi e o Crioulo. A carência de informações não permitem indicar a melhor cultivar, mas alguns técnicos em forrageiras parecem manifestar uma certa preferência pelos cultivares Crioulos e Abruzzi.

A semeadura do centeio pode ser realizada com as semeaduras comuns usadas para o trigo, utilizando uma densidade aproximada de 60 kg/ha. Semeaduras com densidades maiores não determinam aumentos nos rendimentos de forragem ou grãos, pois o a-filhamento fica sensivelmente reduzido. Apesar do centeio ser o menos exigente em fertilidade, para se obter altos rendimentos de massa verde é indispensável fazer uma adubação de acordo com os resultados de análise do solo. Também após os cortes ou pastejos, conforme recomendamos para a aveia (COTRIJORNAL Nº 10) aconselha-se aplicar uma cobertura de 30 kg/ha de uréia. Em boas condições de clima e fertilidade, o Centeio pode ser pastejado aos 45 dias após a semeadura.

Para o próximo plantio, teremos sementes das cultivares Crioulo e Abruzzi para atender os pedidos de nosso quadro social.

TERNEIROS PARA ENGORDE

Realizou-se em Carazinho, de 14 a 16 de junho que passou, a última feira do terneiro do corrente ano. As anteriores foram promovidas em Rosário do Sul, São Borja, Santa Maria, Pelotas, culminando com a de Carazinho.

Agricultores da região da COTRIJUI, aos poucos vão se preparando para explorar tam-

bém o rendoso negócio da pecuária. A cooperativa financiou um lote de terneiros para agricultores que já vinham sendo orientados tecnicamente para essa finalidade. A foto mostra uma vista parcial do mangueirão, onde os terneiros aguardavam embarque para as propriedades de destino.



TENENTE PORTELA E SÃO MARTINHO COM SEDES NOVA



O sr. João Teló, quando discursava.

Em solenidades realizadas nas cidades de Tenente Portela e São Martinho, nos dias 25 e 26 de maio, respectivamente, foram inauguradas as sedes próprias dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais dos referidos municípios.

A inauguração do sindicato de Tenente Portela contava com as presenças do ministro do Trabalho, Arnaldo da Costa Prieto e do governador Euclides Triches. No entanto, as fortes chuvas caídas na oportunidade impediram a vinda daquelas autoridades.

O sindicato teve sua sede inaugurada no horário previsto, tendo presentes o prefeito municipal, sr. Arlindo Schwantes; o presidente da COTRIJUI, engenheiro-agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva; presidente da Câmara Municipal, vereadores e outras autoridades, além de grande número de associados.

Os trabalhos foram dirigidos

pelos sr. João Teló, presidente do sindicato, que ao discursar na oportunidade disse da satisfação que sentia em entregar aquela obra ao quadro social. Falou também o prefeito Arlindo Schwantes.

SÃO MARTINHO

No dia 26, em São Martinho, com a presença do presidente da FETAG, sr. Otávio Klafke, representando o secretário do Trabalho, sr. Selvino Dewes, prefeito municipal, além das demais autoridades do município e associados, foi inaugurada a sede própria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquele município. Ao meio dia foi servido churrasco aos presentes em dependências do Clube Recreativo e Esportivo São Martinho. O sindicato é presidido pelo senhor Canísio Welter.

do Baginski. Conselho Fiscal — Inelson Bosa e Paulo Richter e suplente do conselho — Anastácio Knop. Os delegados junto à Federação, são Amélio Felice Fiorese e Nilson Wermuth de Carvalho, respectivamente, presidente e secretário, tendo como suplente o sr. Olavo Scherer.

SINDICALISTAS GAÚCHOS EM BRASÍLIA

Para assistirem a posse da nova diretoria da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura — CONTAG — quando assumiu a vice-presidência da entidade o gaúcho Octávio Adriano Klafke, viajaram a Brasília os seguintes dirigentes sindicais do Rio Grande do Sul: Octávio Adriano Klafke, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do RGS e que se empossou na vice-presidência da CONTAG; Geraldo Pegoraro, Higino Tomazi, Edwino Werlang, Iedo José Klafke, Jonas José Klafke e José Claudino Schneider, todos da Federação gaúcha.

Em ônibus especial, viajaram com a mesma finalidade os seguintes presidentes de sindicatos: Plínio Silberschlag, Aratiba; Afonso Thomas, Alecrim; Davi Antônio O. Corrêa, Butiá; Telmo José de Almeida; Barros Cassal; Heitor Sfoggia, Carlos Barbosa; Maximino Fialho, Chapada; Mansuetto Benetti, Canela; Albino O. Weschenfelder, Dois Irmãos; Miguel Rockembach, Feliz; Armindo Müller, Gravataí; Canísio F. Weschenfelder, Humaitá; Rodolfo Brignoni, Ibirubá; Orgênio Rott, Ijuí; Anselmo W. Lindem, Igrejinha; Antônio da C. Menezes, Mostardas; Felipe Meinerz, Porto Alegre; Rivadavia de Vargas, Ronda Alta; Waldor Albrecht, São Francisco de Paula; Anildo A. Inhoque, Santa Bárbara do Sul; José Luiz Reis, São Paulo das Missões; David Duranti, Sarandi; Renato Chies, Salvador do Sul; Ariosto Moraes, São Gabriel; Irineu R. de Moraes, Santo Antônio das Missões; Manoel C. L. Primo, Torres; João Teló, Tenente Portela; Moacir R. de Assis, Tapes; e Benno Furtado, Venâncio Aires.

REUNIÃO DE LÍDERES RURAIS EM AJURICABA

Com a participação de líderes jovens do município de Ajuricaba, num encontro de cerca 50 participantes, foi promovida a 15 de junho que passou, reunião com a juventude rural daquele município, dentro do Convênio COTRIJUI-FIDENE.

A reunião, que teve por local o Salão Paroquial, prolongou-se por toda a tarde daquele dia. Foi estudada a maior participação da juventude do município, nos trabalhos de participação comunitária social. As várias palestras proferidas na oportunidade, ressaltaram a problemática do

jovem rural perante uma sociedade que se transforma a cada dia que passa. Questões como a história do cooperativismo e do sindicalismo e a importância da participação comunitária no âmbito da sociedade rural, foram questões destacadas durante o encontro.

Os trabalhos foram coordenados pelo Convênio COTRIJUI-FIDENE, contando com a participação especial do padre Severino Zanatta; do sr. Alberto Wiegert, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, sr. Edgar Prauchner e Santo Dezordi, da COTRIJUI.



COMBATA AS PRAGAS DO TRIGO

Use somente produtos testados e aprovados para as nossas condições climáticas.

DIMECRON UBV e NUVACRON UBV são produtos específicos para pulverização em Ultra-Baixo-Volume, especialmente fabricados para a nossa região.

DIMECRON UBV e NUVACRON UBV são inseticidas seguros que lhe dão a certeza do controle total das pragas do trigo. Encomende DIMECRON UBV e NUVACRON UBV através da COTRIJUI.

DIMECRON UBV e NUVACRON UBV são fabricados pela

CIBA—GEIGY

Estrada do Forte nº 235

Tel. 41-1166-Cx.P. 1471

Porto Alegre-RS

SINDICATO DE CAMPO NOVO

O Sindicato dos Trabalhadores rurais do Município de Campo Novo elegeu e empossou a seguinte diretoria: presidente — Amélio Felice Fiorese; secretário — Nilson Wermuth de Carvalho e tesoureiro — Olavo Scherer. Suplentes — Urbano Dornelles Vargas e Leopoldo

SANTO AUGUSTO, ANTIGA "BOCA DA PICADA"

No ano de 1918 o cidadão Pompílio Silva, próspero comerciante no município de São Gabriel, teve sua casa totalmente destruída por um incêndio.

Sem qualquer outra possibilidade em vista do prejuízo que sofreu, aceitou proposta do rico fazendeiro palmeirense, João Chagas, para vender em colônias as terras cobertas de erva mate que se estendiam a oeste da Palmeira, "pros lados de Ijuí".

Pompílio Silva, hoje falecido, instalou-se com a esposa dona Josefina Lucas Silva, popularmente chamada de dona Fifina - e os filhos ainda pequenos, no lugar onde se ergue atualmente a progressista cidade de Santo Augusto.

Primeiro, o lugar chamou-se "Boca da Picada". Eram campos cobertos de erva-mate, que em extensão contínua, alcançavam a costa do rio Uruguai.

Foram vendidos 360 lotes de 25 hectares cada um, desmembrados da grande fazenda do sr. João Chagas.

Descendentes de italianos, alemães, poloneses e mesmo brasileiros com pouca terra nas regiões próximas, deslocaram-se para a "Boca da Picada". O elemento colonizador era bom, e o lugar prosperou.

POPULAÇÃO E MEIO FÍSICO

Pelos dados do último censo, a população de Santo Augusto é de 15 mil habitantes, sendo 4.000 na sede e 11 mil no interior, em números redondos.

O município está situado na região noroeste do Estado, definida como "Região Celeiro". Recebe geograficamente a serra do Inhacorá e situa-se entre os rios Turvo e Inhacorá. Limita-se ao norte com Campo Novo e São Martinho; ao sul com Ajuricaba, Chiapetta e Catuípe, ao leste com Palmeira das Missões e Coronel Bicaco e a oeste com Três de Maio.

Seu relevo, ainda com extensas áreas de campo, apesar do crescimento das lavouras agrícolas, apresenta



Ainda existem ervaais em Santo Augusto. Mas esse da foto serve de "adorno" a uma residência.

altitudes de 450 a 550 metros sobre o mar.

15 ANOS DE EMANCIPAÇÃO

A 30 de maio último, Santo Augusto festejou os seus 15 anos de emancipa-

ção político-administrativa, que foi conquistada pela Lei Estadual 3721, de 17 de fevereiro de 1959. Mas a 30 de maio daquele mesmo ano, Santo Augusto empossou a primeira administração, eleita pelo povo. Eram os srs. Oswaldo Pio Andrighetto e

Arnaldo Macagan, para prefeito e vice, respectivamente.

A atual administração executiva é exercida pelos srs. José Vicente Silva, filho do fundador do lugar, atualmente licenciado e o vice-prefeito no exercício, sr. Carlos Alberto Castagna.

LANÇADO CONCURSO DE REDAÇÃO DA OBRA DE HIPÓLITO DA COSTA

Na noite de 14 de junho, em solenidade levada a efeito na Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE - foi lançado o Concurso de Redação da obra, "Diário de Minha Viagem para Filadélfia", de Hipólito José da Costa, patrono da Imprensa Brasileira.

A solenidade, presidida pelo professor Argemiro Jacob Brum, presidente da FIDENE, compareceram o dr. Mário Augusto Ferrari, juiz diretor do Foro; jornalista Emílio Pinent, representando o delegado da Associação Riograndense de Imprensa; professor Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente da COTRIJUI, professores e grande número de estudantes.

Falaram na ocasião o prof. Argemiro Jacob Brum, lançando oficialmente o concurso, quando disse dos objetivos da FIDENE e da COTRIJUI em promover o movimento intelectual, que tem o alto prestígio da Associação Riograndense de Imprensa; o sr. Arnaldo Drews, que em breves palavras justificou a presença da cooperativa em movimento vinculado inteiramente à categoria intelectual, passando a palavra ao redator do COTRIJORNAL, Raul Quevedo, que traçou um breve perfil da vida e obra de Hipólito da Costa, fundador da Imprensa do Brasil.

O regulamento do concurso, que está sendo distribuído às escolas da região noroeste do Estado, assinado pelo presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva; presidente da FIDENE, Argemiro Jacob Brum e presidente da Associação Riograndense de Imprensa, Alberto André, tem a seguinte redação:

"Art. 1º - A Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. - COTRIJUI - e a Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE - a-

través do Convênio Operacional COTRIJUI/FIDENE e do COTRIJORNAL, com a colaboração da Associação Riograndense de Imprensa - ARI - lançam o "CONCURSO DE REDAÇÃO SOBRE A OBRA 'DIÁRIO DE MINHA VIAGEM PARA FILADÉLFIA', de Hipólito José da Costa, patrono da imprensa brasileira.

Art. 2º - O Concurso destina-se a professores que lecionam na Região Noroeste do Estado, que se constitui na área de atuação letiva da FIDENE e de operação empresarial da COTRIJUI.

Art. 3º - Os trabalhos destinados ao Concurso deverão constar de redação com um mínimo de 30 e o máximo de 80 linhas, datilografadas ou redigidas em letras de forma, que abordem o significado da obra e sua importância para a economia rural brasileira.

Art. 4º - O prêmio aos vencedores constará de uma viagem de ida e volta, com despesas pagas, à Colônia do Sacramento, onde nasceu Hipólito José da Costa, e Pelotas, onde o jornalista criou-se, com estada em Rio Grande, para visita ao Terminal Graneleiro da COTRIJUI.

§ 1º - Os trabalhos destinados ao Concurso deverão ser entregues em envelope fechado, na sede da FIDENE, em Ijuí, contendo o nome e o endereço do Autor, até o dia 15 de novembro do corrente ano.

§ 2º - Os Autores premiados gozarão seus prêmios no decorrer da segunda quinzena de dezembro deste mesmo ano.

Art. 5º - Caberá à FIDENE, COTRIJUI e ARI, indicar a comissão julgadora, composta por jornalistas, professores e engenheiros-agrônomo.

Art. 6º - Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pela Comissão Julgadora".

A Trevo está abrindo os corredores de exportação

Já em 1974 estará operando o complexo industrial de fertilizantes junto ao Superporto de Rio Grande.

Com uma produção inicial prevista de 450 mil toneladas anuais de adubos granulados, a nova fábrica vai ajudar os agricultores gaúchos a produzirem safras ainda maiores.

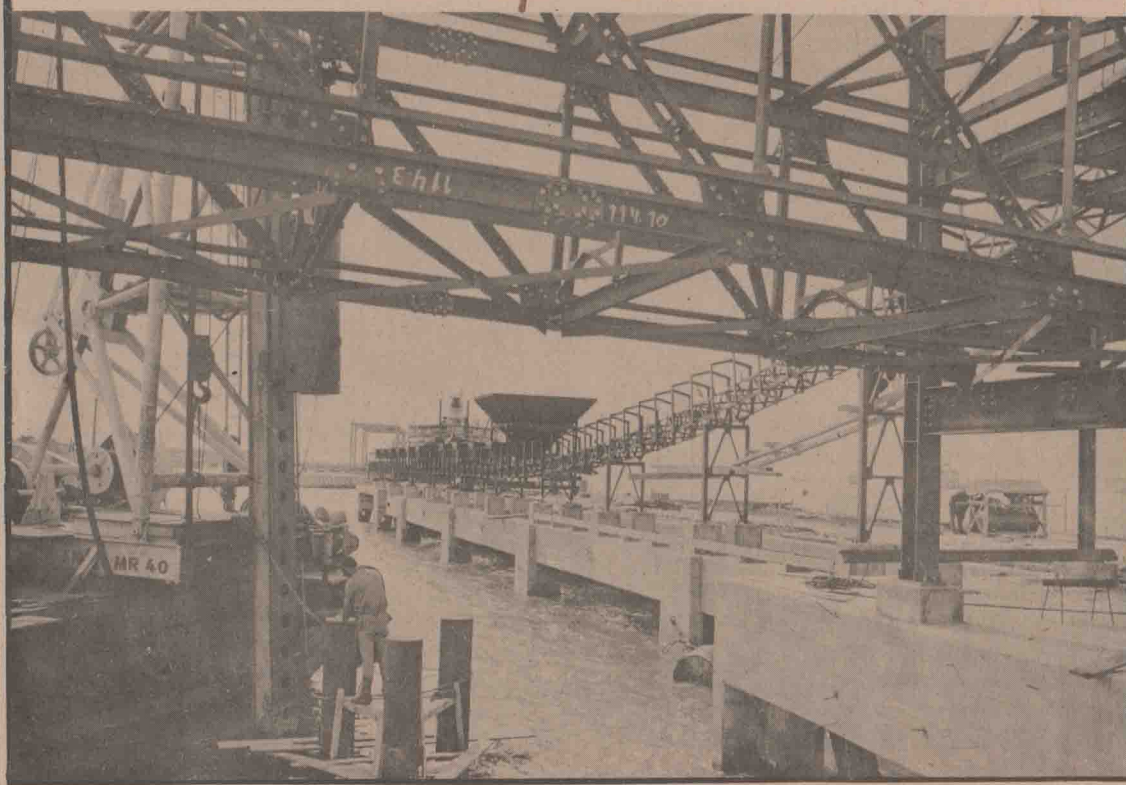
Os mesmos cargueiros e vagões ferroviários, que chegarem ao Superporto com os produtos agrícolas de exporta-

ção, levarão de volta aos centros de produção os fertilizantes que a terra precisa.

Com isso se atingirá um dos objetivos do Governo ao criar os corredores de exportação: racionalizar a produção agrícola.

ADUBOS TREVO

INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRIN S.A.





CUIDADOS COM PICADA DE COBRA VENENOSA

Um dos problemas sérios nas zonas rurais, é a picada de cobra venenosa, não só pela gravidade do quadro, em face da precariedade dos recursos, como pela sua frequência, em muitas regiões do Brasil.

Felizmente, em nossa região a ocorrência de cobras venenosas não alcança índices muito elevados, mas é sempre bom estar alerta para o perigo.

O uso de botas de cano alto é o meio mais seguro para evitar picada de víboras. As estatísticas provam que 76 por cento das picadas ocorrem desde o pé até a metade da perna. É que as cobras, em bote, conseguem uma distensão do corpo da ordem de 30 cm. Com a proteção da bota, pode-se considerar que o perigo diminui em muito.

Mas mesmo assim, as comunidades das zonas rurais devem ter sempre a mão estoques de soro antiofídico, pois se uma pessoa for picada, o soro deve ser aplica-

do imediatamente. As demoras nesses casos, dependendo da espécie de cobra, pode ser fatal.

As serpentes venenosas pertencem a quatro gêneros, a saber: *Crotalus*, *Bothrops*, *Micrurus* e *Lachesis*. No *Crotalus*, a espécie mais importante é a "terrificus" cascavel; no *Bothrops*, as espécies jararaca, jararacussu, alternata, (urutu-cruzeira), neuwiedii (jararaca pintada), atrox (caiçara) e cotiara (jararaca preta); no gênero *Micrurus*, incluem-se as diversas cobras corais venenosas e no *Lachesis*, a muta-muta, conhecida no sul por surucucu.

Segundo estatística levantada pelo Instituto Vital Brasil (Butantã), de São Paulo, as serpentes que provocam o maior número de acidentes, por ordem de frequência são: *bothrops* (9%) e coral (1%). Os acidentes por picada de cobra ocorrem com maior frequência nos dias quentes, principalmente no verão, em qualquer horário. Mas elas só atacam quando tocadas ou pisadas, daí o gran-

de número de agressões no pé e na perna, que alcança a cifra de 76 por cento.

Ainda segundo o Instituto Vital Brasil, as serpentes venenosas ficam, em geral, paradas. Ao movimentarem-se, o fazem com lentidão, ao contrário das não venenosas. As do gênero *Bothrops* são agressivas. Atacam prontamente, sem qualquer ruído, enquanto a cascavel precisa ser excitada e emite ruídos (guizo) com o chocalho, dando para perceber a sua presença.

As corais vivem escondidas e são pouco agressivas. As serpentes venenosas tem hábitos noturnos, escondendo-se durante o dia em tocas de tatu, buracos de árvores secas, cupins, montes de lenha, etc. Não gostam do sol, preferindo lugares sombrios, secos ou pedregosos (cascavel) e úmidos (a jararaca).

As enchentes dos rios mobilizam as cobras, que se concentram nos lugares mais elevados.



Elas são mais frequentes nos campos, cerrados e terrenos cultivados, do que em matas, preferindo lavouras cultivadas, principalmente após as colheitas e os pastos. Geralmente não sobem nas árvores. Todas nadam, mesmo as espécies não aquáticas.

Na foto estampada acima,

da Delta-Larousse, a cabeça de uma víbora. Note-se que quando a víbora (cobra venenosa) abre a boca, as presas soerguem-se automaticamente. Ao fechar-se a boca, as presas voltam ao paralelismo com o palato. Daí a grande rapidez das cobras para picar as vítimas.

O PERIGO DOS RAIOS. VEJA AQUI COMO DEVEMOS PROTEGER-NOS

A terra é um campo magnético de real grandeza. E entre a superfície da terra e as formações de nuvens, o ar está impregnado de eletricidade.

A condutibilidade atmosférica é explicada pela existência de partículas eletrizadas, ou ions, no ar. A formação desses ions está ligada a existência de substâncias radioativas no solo e na atmosfera, emitindo radiações ionizantes. A principal causa, porém, é representada pelos raios cósmicos.

Os raios significam um perigo constante à vida de homens e animais expostos.

O raio e o relâmpago, qual a diferença? O relâmpago é uma centelha elétrica que salta entre nuvens de potências diferentes. O raio, da mesma natureza que o relâmpago, é uma centelha que se desloca das nuvens para a terra.

Será completamente desnecessário ressaltar o perigo que representa o impacto de um raio. Ele é geralmente mortal, pois seus efeitos são os mesmos das descargas elétricas e com o agravante de ser sempre de elevada potência. Os meteorologistas afir-

mam que a energia despendida por um raio equivale a um milhão de quilowatts. Ora, é evidente que qualquer objeto ou ser que receber como impacto uma descarga de tal potência, será fulminado.

Os prédios mais altos, as árvores e quaisquer massas metálicas, estão mais expostos aos efeitos das quedas elétricas.

PÁRA-RAIOS

Felizmente, existem os pára-raios. Objetos simples mas de eficácia para preservar a vida e os bens na terra. O pára-raio consta de uma haste de ferro que termina numa ponta metálica inoxidável, ligada ao solo por um condutor de eletricidade.

Se não existissem pára-raios hoje, com a existência das grandes concentrações humanas nas cidades, por certo as tempestades magnéticas fariam mais vítimas fatais do que as doenças conseguem fazer.

QUANTO CUSTA?

Sendo um aparelho simples: haste com ponta metálica liga-

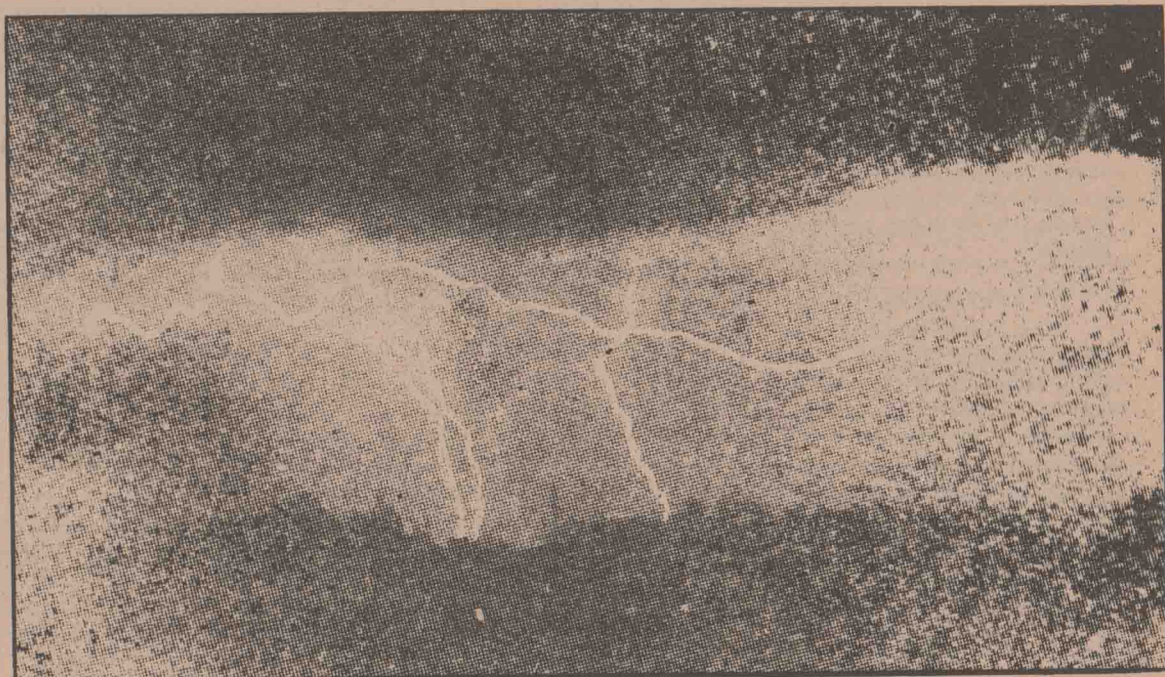
da a um condutor elétrico enterrado no solo, um pára-raio custa uma insignificância. No entanto, são poucos os que se preocupam em preservar suas propriedades e a própria vida, mandando instalar em suas residências essas proteções. Quantas pessoas investem milhões de cruzeiros construindo verdadeiros palacetes, mas esquecem uma proteção essencial, principalmente em regiões de clima tropical,

onde são comuns as tempestades magnéticas.

PODER DE LEI

Andariam acertadas as autoridades que passassem a exigir, antes de liberar plantas de residências, por mais modestas que fossem, a inclusão de pára-raio no orçamento da obra. Considerando o perigo que o raio re-

presenta para a vida e a propriedade, o poder da lei deveria impor-se como fator de defesa pessoal e coletiva. O pára-raio é a única defesa segura contra esse fenomenal elemento da natureza, descoberta de Benjamin Franklin, o paciente e dedicado "Homem dos papagaios", que legou ao mundo a maior defesa da humanidade contra os elementos cósmicos.



ALIMENTAÇÃO

ORA-PRO-NÓBIS, UM ALIMENTO NUTRITIVO

Com valor alimentício 25 vezes superior ao espinafre, a couve e a alface, o ora-pro-nóbis é um vegetal que se alastra por diversas regiões do Estado de Minas Gerais, em forma de inço. Chamado jocosamente de "carne do pobre" — pois sempre foi consumido pelas camadas mais modestas da população mineira, a planta poderá se transformar breve em alimento até para ricos, graças ao trabalho de um professor nutricionista da Universidade Federal de Viçosa.

O professor José de Almeida Filho, do Departamento de Biofísica da referida universidade, cujo trabalho será publicado na revista "Ceres", da FAO diz, que a Cactácea pereskia acu lea tae, caracteriza-se por um desenvolvimento vegetativo durante todo o ano, não sendo atacada por nenhuma praga. Quanto ao seu cultivo, acredita o cientista que não haverá problema em qualquer região de clima temperado do Brasil, "pois ela nasce em qualquer terreno".

Ora-pro-nóbis é vegetal largamente encontrado na Índia Oriental e na América Tropical. Nesta última região, segundo o filólogo Aires da Mata Machado Filho, "se alastra em ritmo de ladainha".

Falando à imprensa em Belo Horizonte, sobre as causas que lhe impulsionaram estudar o valor alimentar do ora-pro-nóbis, disse o professor José de Almeida Filho que foi a expressão "carne do pobre", ouvida repetidamente, que o levou a pesquisá-lo. Quanto a outras características que não a sua botânica, afirma o professor que estas são conhecidas sobretudo por botânicos norte-americanos.

PROTEÍNAS

Num mundo faminto de proteínas, é salutar constatar a existência de um vegetal tão pouco exigente de condições ecológicas para crescer. O filólogo Aires da Mata Machado, "grande consumidor da erva, pois gosto muito", acrescenta que em sua terra natal — Diamantina — quando era menino, esse vegetal era muito usado como alimento, embora ninguém pensasse em plantá-lo. Era cem por cento nativo e encontrado em quase todo pé de muro.

Sobre sua etimologia, o filólogo lembra que ora-pro-nóbis é a maneira de se responder em latim a Ladainha de Nossa Senhora. E, talvez, porque fossem muito repetidas a planta e a ladainha, surgiu o nome.

PESQUISAS

A Universidade Federal de Viçosa, que mantém atualmente um programa de pesquisas compreendendo cerca de 600 projetos, sabe que no mundo existem milhões de seres humanos castigados pelo fantasma da fome, segundo expressão do seu reitor, Antônio Fagundes de Souza.

Acrescenta o reitor que o ora-pro-nóbis, resistente às doenças, também não é atacado por pragas, numa época em que os insetos destroem anualmente 50 milhões de toneladas de alimentos — o suficiente para alimentar, no mesmo período, cerca de 100 milhões de pessoas. Desse modo, finaliza o reitor mineiro, o ora-pro-nóbis poderá se transformar brevemente numa nova e inesgotável fonte de proteínas, superando o valor alimentar do espinafre, "que já fez do boneco Popeye o indestrutível campeão de todas as Olivias".

FAMÍLIA IMPORTANTE

O ora-pro-nóbis, como o cacto, vem de uma família botânica muito importante — a das cactáceas. Um dos ramos dessa família — o cacto — chega a 1.500 espécies nativas das Américas. Aístram-se desde o litoral até 5.000 metros de altura, no deserto ou nas selvas tropicais. As formas sem espinho — como a palma do nordeste brasileiro — são excelentes forragens para o gado. A maioria tem frutos comestíveis ou têm valores medicinais.

O mandacará — um primo pobre da família, que vive nos lugares mais áridos do nordeste — tem frutos comestíveis que podem alcançar 20 centímetros de comprimento por 12 de diâmetro. Outras cactáceas da região, denominadas genericamente de faxeiro, se não servem de alimento podem pelo menos ser utilizadas como facho ou tochas para iluminação caseira.

SOJA, É O ALIMENTO DO FUTURO

Mas enquanto o ora-pro-nóbis está na fase das experiências, a soja, oleaginosa muito conhecida de todos os brasileiros, volta a aparecer perante o mundo científico com mais uma utilidade de sua já imensa versatilidade. Anúncio liberado pelo Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, recentemente, divulgou um concentrado de soja que pode ser adicionado em bebidas e alimentos elaborados, como fonte econômica de proteínas e gorduras.

A notícia não adquiriu maior repercussão, nem mesmo nos Estados Unidos. É que a despeito de sua importância — relata a notícia — o novo emprego da soja era apenas mais um na sua já longa lista de utilização.

A soja, há cerca de 50 anos produzida no Ocidente quase que exclusivamente para alimento de gado, vem sendo descoberta como o grão mágico das múltiplas utilidades. A cada dia que passa, cientistas e nutricionistas da América do Norte, Europa e Ásia, descobrem novas e revolucionárias formas de uso e emprego da soja, chegando a assombrar até os próprios pesquisadores.

A soja é hoje não somente um aditivo alimentar de fabulosa riqueza proteica e de boa digestibilidade, como de valor alimentar incomparável. Seu altíssimo teor de proteínas: 38 por cento de proteína bruta, contra 18 por cento do peixe ou das carnes vacinas; três vezes mais que no ovo ou na farinha de trigo integral e onze vezes mais do que no leite integral, significa sua apresentação de capacidade.

UM INOVADOR

Durante o período de depressão que se seguiu à crise econômica de 1929, Robert Boyer, um engenheiro químico que trabalhava para Henry Ford, começou a pesquisar a respeito da soja e seus prová-

veis aproveitamentos industriais. A partir dos primeiros testes, Boyer descobriu que a soja tinha grande potencial para aproveitamento na produção de materiais sólidos. Utilizou-se na produção de peças automobilísticas — botões de buzina, volantes de direção, peças de controle, etc — para os automóveis da época.

Prosseguindo nas pesquisas, descobriu que a soja era um produto comestível de raras possibilidades. Durante os anos da década de 40, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, apresentou a primeira fibra protéica vegetal comestível, a base de soja. Foi o primeiro passo na caminhada da soja para se transformar em pão, carne, geleias, confeitos, leite e ultimamente em uisque, conforme vem de anunciar o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos.

Entre os usos da soja pelo homem, em diferentes partes do mundo, são anunciados: farinha à avela de soja. Com um teor protéico de 40 a 60 por cento, a farinha é usada em alimentos cozidos; marmeladas para crianças, carnes, molhos e alimentos dietéticos especiais. A avela é usada especialmente na indústria de merendas. Concentrados de proteínas de soja: mediante o processamento de flocos de farinha de soja, obtém-se um produto com cerca de 70 por cento de proteínas. É usado nas carnes, por causa de suas propriedades de emulsificação e em alimentos cozidos; cereais, alimentação infantil, dietas, alimentos geriátricos e hipolérgicos.

Mas a soja, por certo, ainda se desdobrará em um cem números de outras utilidades na mesa ou nas fábricas. Suas utilidades são sabidamente múltiplas. Por certo continuarão ainda por muito tempo a assombrar cientistas e pesquisadores dietéticos, justificando o cognome que ostenta de grão mágico das múltiplas utilidades.

ECOLOGIA: MAR AMEAÇADO POR ALGA VENENOSA

Agora, uma nova ameaça atinge o já precário equilíbrio ecológico do fundo do mar. As autoridades inglesas detectaram em suas costas um tipo de alga, oriunda do Japão, que está sendo considerada um verdadeiro inimigo público. Por isso, o governo está oferecendo recompensa em dinheiro para quem destruir o maior número da temida *Sargassum muticum*.

Em seu aspecto exterior, a planta parece tão inofensiva quanto uma alga comum. No entanto, ela destrói a vegetação que lhe está próxima e tem um poder de reprodução extremamente rápido. Nascendo junto às rochas ou então em zonas profundas do oceano, a *Sargassum muticum* é uma planta parasitária que também afeta a vida animal. Os cientistas ainda não têm certeza de como a alga chegou à Inglaterra, mas poderá ter vindo presa à quilha dos navios procedentes do Pacífico.

Poucos são os governos que agem contra a desagregação ecológica que contamina a terra, o ar e o mar, e chegam a considerar a morte dos mares um problema remoto. No entanto, a ação dos agentes poluidores se torna quase invisível nos oceanos, e por isso é mais perigosa. Os cientistas ingleses também afirmam que é preciso elaborar uma estratégia de combate contra essa alga. Mas, numa reunião de 18 biólogos, em Portsmouth, não se chegou a nenhum acordo. Alguns reclamam medidas energéticas de erradicação (a alga cresce de um a dois centímetros por dia), e outros são menos categóricos. Esses afirmam que a única maneira de acabar com a alga é através do recolhimento manual, "porque o uso de herbicidas prejudicará ainda mais a flora e fauna marítimas".

Retrato da Terra

O Brasil não tem apenas uma base territorial imensa, de 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Tem, sobretudo, condições climáticas que permitem o aproveitamento permanente de suas terras para as atividades agropecuárias. O máximo que conhecemos dos rigores do inverno limita-se às geadas do Sul, a criarem, periodicamente, problemas para a lavoura cafeeira. Se apenas 825 mil quilômetros quadrados do território nacional se situam na faixa temperada de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, climas de altitude, um pouco por toda parte, contrabalançam a grande massa do Brasil equatorial, que, por sua vez, constitui zona de grande riqueza madeireira e de minérios. Quanto à zona semi-árida do Nordeste, qualquer aproveitamento racional de suas águas, como ocorre agora à beira do São Francisco, transforma mesmo áreas de caatinga em zona produtora de toda espécie de frutos e lavouras.

No entanto, o antigo, tradicional, vexatório problema do aproveitamento destas terras diminui sensivelmente a capacidade produtora do país. Uma repartição ilógica da terra, somada ao caos em que vivem os títulos de propriedade, tem impedido, ao mesmo tempo, a criação de uma classe média rural, que será um dia o grande mercado interno do país, e a canalização de recursos empresariais para o campo. A reação dos anos recentes ao antigo marasmo está modificando aos poucos esta situação. O novo Estatuto da Terra, de novembro de 1964, e pro-

gramas como PIN, Proterra, Provale e Prodo-este procuram todos os pontos de equilíbrio entre uma distribuição mais equitativa da terra e a atração, para o campo, de empresas privadas.

Ainda há muito a fazer e arrole-se, como fator positivo, que o Governo que se empossará a 15 de março pretende dedicar atenção toda especial à agricultura. Porque a verdade é que o labor da terra, tanto quanto os empreendimentos industriais, sofisticados e ampliam-se o tempo todo entre os países líderes do mundo. O famoso gap tecnológico, que, de ano para ano, mais aumenta a distância entre os países industrializados e o mundo em vias de desenvolvimento, faz-se sentir igualmente no setor agrícola. Ora, os resultados preliminares do recadastramento de imóveis rurais, iniciado pelo INCRA em 1972, demonstram uma vez mais a alta concentração territorial. Um número reduzido de imóveis detém elevada fração de terras, enquanto, em compensação, um grande número de imóveis não possui área sequer suficiente para a manutenção de uma família: cerca de 1,2% dos imóveis abrange 45% da área total, enquanto 36% dos imóveis são de menos de 10 hectares. A expansão que se verificou na agricultura brasileira no último decênio deve-se mais ao crescimento das atividades em áreas novas do Centro-Oeste e outras do que à correção de um regime de propriedade que continuava a impedir o desenvolvimento da classe média rural.

Tartaruga transmite moléstias

WASHINGTON — Quem tiver uma tartaruguinha como animal de estimação, deve tomar cuidado. Esses bichinhos, aparentemente inofensivos, podem causar problemas para a saúde humana. E a conclusão a que chegou a Food and Drug Administration — FDA — dos Estados Unidos, que já está adotando providências para proibir o controle a venda desses animais.

As pequenas tartarugas de estimação transmitem anualmente a salmonela, bactéria que causa dores abdominais, náusea, febre e diarreias, a aproximadamente 280 mil norte-americanos, na maioria adolescentes e crianças. Há denúncias de que as tartarugas vendidas em lojas de animais de estimação, na maioria, não são "miniaturas", e sim filhotes de espécies que sob cuidados adequados podem viver 40 anos em cativeiro, mas que geralmente morrem em seis meses.

A FDA estuda a proibição ou o controle. Ela exigiria testes mais sensíveis para identificar os bacilos, atestados para os animais e distribuição de folhetos para os donos de tartarugas. Os folhetos trariam estas instruções: lavar as mãos depois de pegar no animal; manter a tartaruga afastada dos locais onde se guarda alimentos; despejar no vaso sanitário os restos de comida da vasilha onde o animal come, desinfetando o vaso em seguida; evitar as crianças para que não levem a mão à boca depois de brincar com a tartaruga.

Brasileiro tem muito DDT no corpo

A população brasileira ocupa um lugar de destaque entre as dos países que apresentam grande concentração de DDT e outros inseticidas cancerígenos, acumulados na camada subcutânea da gordura, em consequência da manipulação de agentes físicos ou químicos em locais de trabalho. E, apesar dos casos serem muitos, com a tendência de aumentar a cada dia, o câncer profissional ainda não é reconhecido nem pelos médicos, nem pela legislação brasileira.

O primeiro trabalho científico para determinar as áreas epidérmicas de câncer está sendo feito só agora pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em conjunto com a Faculdade de Medicina, Instituto Central do Câncer, Instituto Médico Legal e a Hadassah Medical School, de Jerusalém, Israel. Ele deverá estar pronto em fins de 1975.

Nos países onde o câncer profissional é previsto na legislação trabalhista, são adotadas medidas preventivas de proteção aos trabalhadores. Entre elas, está a substituição dos produtos comprovadamente cancerígenos por outros, com o mesmo efeito industrial, porém menos nocivos à saúde. Enquanto isto, no Brasil, se a pericia do INPS conseguir determinar que o câncer foi provocado pelo ambiente do trabalho, está previsto apenas um pagamento, à família do empregado, de uma indenização.

SOCIEDADE DE AGRONOMIA EM IJUI

Durante encontro realizado no último sábado em dependência da COTRIJUI, foi fundada em Ijuí, com jurisdição nos municípios de Santo Augusto, Ajuricaba, Augusto Pestana e Chiapetta, uma seção Regional da Sociedade de Agronomia do

Rio Grande do Sul.

A reunião de fundação, a qual compareceu elevado número de engenheiros-agrônomos com atuação profissional em Ijuí e municípios vizinhos, foi presidida pelo engenheiro-agrônomo Paulo

Borges, que representou no ato a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul — SARGS.

Em breve será convocada nova reunião, quando será eleita a primeira diretoria da nova Seção Regional.

PEAS LANÇOU NOVAS VARIEDADES DE SOJA

O Instituto de Pesquisas Agronômicas do Sul — IPEAS — durante solenidade levada a efeito em sua Estação Experimental, localizada na cidade de Passo Fundo, lançou duas novas variedades de soja. São as cultivares IAS-4 e IAS-5, que na próxima safra já serão plantadas em lavouras extensivas, para comercialização.

As características principais das novas cultivares são:

IAS-4

A cultivar IAS-4, de ciclo médio, semelhante ao da Bragg, provém da seleção de cruzamento da Hodd e Jackson. O cruzamento foi iniciado na sede do IPEAS, em Pelotas, no ano de 1964. Posteriormente, o trabalho foi transferido para a Estação filiada de Passo Fundo, onde foi concluído com êxito.

A partir dos primeiros ensaios, a cultivar mostrou-se superior a Bragg, considerada "testemunha", em percentagens que variaram de 2 por cento (Litoral Norte) a 18 por cento (Encosta Superior do Nordeste). Produziu no Estado, em todas as épocas (a partir de meados de outubro até meados de dezembro), 7 por cento mais do que a Bragg e 6 por cento mais do que a IAS-1.

Na Encosta da Serra do sudeste, denotou em relação a Bragg, o aumento médio de 3 por cento.

Para os plantios de meados de outubro, o ciclo de semeadura até a maturação, é de 175 dias; de 149 dias para os plantios de meados de novembro e de 129 dias para os plantios de dezembro. O IPEAS recomenda, portanto, a semeadura da segunda quinzena de outubro até o dia 20 de novembro.

A altura das plantas, semelhante à da Bragg, aumenta em relação à semeadura: maior em outubro e menor em novembro e dezembro. A altura de inserção das vagens, de 15 cm, permite a colheita mecânica sem perda de produção. Os teores de óleo e de proteína são, respectivamente, de 23% e de 40,5%.

IAS-5

A cultivar IAS-5 é de ciclo semiprecoce, intermediário entre a Bragg e a Hill. Foi selecionada do cruzamento Hill x (Roanoke x Ogden). A seleção foi iniciada na sede do IPEAS, em 1964 e conduzida, posteriormente, também na Estação Experimental de Passo Fundo.

Na Encosta e na Serra do Sudeste produziu 13% mais do que a Hill e a Bragg, consideradas testemunhas. Tem o ciclo de 147 dias, sendo a semeadura recomendada desde meados de outubro e meados de novembro. Os teores de óleo e de proteínas são, respectivamente, de 21% e de 41,5%. Como as alturas de planta e de inserção de vagens são de 64cm e de 13cm, respectivamente, permite a colheita mecânica sem maiores perdas de produção.

Com relação a esta cultivar, sua área de adaptação inclui também o Estado de Santa Catarina.

FUNDO DO GRANIZO

As notas de compra de semente de trigo, devem ser conservadas para apresentação obrigatória, quando da declaração a ser feita pelos associados, para se habilitarem no Fundo de Auxílio Cooperativo Contra o Granizo. Avisamos também nossos associados, que tão logo terminem o plantio das lavouras, compareçam em qualquer das unidades da cooperativa para formalizarem suas declarações.

Nessa oportunidade, devem levar consigo os seguintes documentos: cartão de associado, notas de compra da semente de trigo, mapas das lavouras plantadas, onde conste área, quantidade de sacos por variedade e respectivas confrontações de cada lavoura. Esta notícia já saiu no COTRIJORNAL nº 10.

ASSOCIADO TEM PNEU

Grças a contrato de importação feito com as indústrias FUNSA, do Uruguai, a cooperativa continua recebendo pneus para caminhões, procedentes daquele país. Há poucos dias chegou a Ijuí uma segunda partida de 250 pneumáticos, nas bitolas 900x20, de 12 e 14 lonas, que estão sendo entregues aos respectivos compradores. Os pneus são da marca FUNSA-FLEX. A primeira partida de pneus chegou em Ijuí em meados de maio, conforme a imprensa noticiou naquela oportunidade.

O Departamento Comercial da cooperativa comunica aos associados que já encomendaram pneus, que podem retirá-los a qualquer momento, pois o estoque voltou a normalizar-se.

TÉCNICAS AGRÍCOLAS

A Associação Conservacionista de Ijuí, que funciona em dependências da COTRIJUI, vai promover entre 23 e 27 do corrente mês de julho, um curso de técnicas agrícolas. O curso, que se desenvolverá na sede do Instituto Municipal de Educação Rural "Assis Brasil", terá como matérias principais as seguintes disciplinas: conservação do solo, manutenção e conservação de tratores, produção de sementes de trigo, soja e forrageiras, melhoramento da fertilidade e cooperativismo e sindicalismo.

Os interessados poderão inscrever-se em quaisquer das unidades da cooperativa, em Ijuí, Santo Augusto, Tenente Portela, Coronel Bicaco, Chiapetta e Vila Jôia.

SEMENTE DE SOJA

O Departamento Técnico avisa aos associados que já está recebendo pedidos de reserva de semente de soja, desde o dia 1º do corrente. Os pedidos, que poderão ser formalizados em todas as instalações da cooperativa, já podem ser feitos juntamente com a declaração do Fundo de Auxílio Cooperativo Contra o Granizo. O Departamento Técnico encarece a necessidade de que todos façam os pedidos até 30 de agosto próximo, a fim de possibilitar a cooperativa comercializar as sobras com particulares.

As variedades à disposição são: precoces — Hill, Halle-7, Prata e Planalto. Médias — Davis, Bragg, Hampton, Pérola, IAS-1, IAS-4 e IAS-5. Tardias — Hardee e Santa Rosa.

A COLZA CHEGOU

A colza, cuja existência no mundo e sua possível produtividade no Brasil foi levantada pela COTRIJORNAL, em sua edição de janeiro, com repercussão em todo o Estado, terá sua época de plantio experimentada a partir do corrente mês. Já estão em poder do Departamento Técnico da cooperativa, 186 quilos de semente das variedades Doble Zero e Midas. A cooperativa pretendia importar quantidade bem maior, porém, a exportadora — Continental Grain Co. Ltd., do Canadá — alegou dificuldades em sementes de alta seleção para testes e liberou somente 186 quilos. Em nossa próxima edição, possivelmente estaremos divulgando detalhes de experiências de campo com esse novo cultivo na região.

Aviação agrícola

A AVIAÇÃO AGRÍCOLA NACIONAL encontra-se ainda dando os primeiros passos. Há absoluta necessidade e mesmo urgência para que o País se equipe neste setor, diante da premência de multiplicar sua produção agrícola, para o abastecimento interno e ter condições de ampliar seus mercados internacionais.

EM QUE PESE NOSSO País ter dado ao mundo o "pai da aviação" e sua aviação comercial se encontrar em estágio bem avançado, nossa evolução da aviação agrícola mostra-se lenta por demais, desde o seu surgimento em 1946. O Brasil possui menos de 100 aparelhos destinados à agricultura, o que significa um aparelho para 85 mil quilômetros quadrados.

PARA COMPROVAR NOSSO pauperismo nesta área basta confrontar nossa posição com outros países. A União Soviética possui 7.500 aviões agrícolas; os Estados Unidos, seis mil; o México, mais de mil e a própria Argentina, com apenas um terço do território brasileiro, conta com 450 aparelhos. Nosso quadro atual deverá sofrer profundas alterações, segundo se anuncia junto ao Ministério da Agricultura.

EM RITMO ACELERADO deverão ser construídos ainda no corrente ano os aviões "Ipanema", em larga escala. Para tanto, a Empresa Brasileira de Aeronáutica tem condições técnicas e de mão-de-obra para atender e

suprir esta grande deficiência que se verifica inclusive nas áreas de enorme densidade de plantio, como é o caso do Rio Grande do Sul e onde inclusive se alugam aviões agrícolas argentinos para pulverizar as lavouras, com técnicas avançadas e com serviços realizados à noite, obtendo-se melhores resultados.

A EMBRAER JÁ ENTREGOU à divisão de aviação agrícola e a companhias particulares cerca de 20 aparelhos e até o fim do ano fabricará outros quinze. A partir de 1974, a empresa produzirá seis exemplares mensalmente e se até o final da década mantiver este ritmo de produção, o Brasil chegará em 1980 com quase 500 aparelhos de fabricação nacional.

A UTILIZAÇÃO DOS AVIÕES agrícolas é múltipla e oferece uma série de vantagens. Executa trabalhos de plantio, adubação, correção de solos, tratamento fitossanitário, capina química com herbicidas e controle de incêndios em florestas. Nos países mais avançados, os serviços de aviação agrícola são feitos em vôos noturnos, pois à noite o combate às pragas é 60 a 70 por cento mais econômico e apresenta um grau de eficiência de quase 100 por cento. Com a disposição das autoridades de dinamizar a produção de aparelhos agrícolas, prevê-se igualmente sua maior utilização, e conseqüentemente um tratamento mais adequado e técnico às lavouras brasileiras (Jornal do Comércio — Porto Alegre).



Suplemento Infantil — COTRIJORNAL — Julho/74

CONVERSANDO COM VOCÊS...

— Em primeiro lugar queremos agradecer ao Jolar X. Abreu, de Potreirinhos, que nos enviou uma trova sobre o Boi Barroso, e lembrar a todos vocês que podem mandar suas críticas, sugestões e colaborações ao Cotrisol.

— A história de Clara Luz, "A Fada que Tinha Idéias", está chegando ao fim. No próximo número vamos publicar o último capítulo. O que vai acontecer com a Clara Luz? O que vai fazer a rainha?

— Depois que vocês tiverem recebido e lido o último capítulo, vamos pedir uma colaboração a vocês: vocês vão fazer uma HISTÓRIA em QUADRINHOS. Pode ser de um capítulo da Fada que Tinha Idéias, daquela parte que vocês mais gostaram, ou de toda a história de Clara Luz. Por enquanto, vão relendo todos os capítulos, desde o número 1, e pensando no assunto...

— Vocês devem ter observado que na página final dos últimos números nós falamos muito sobre a planta: a germinação, as raízes, os caules, as folhas... Neste número resolvemos fazer uma pausa, para dar tempo a vocês observarem alguma coisa, para que vocês não passem pelas plantas como quem olha mas não vê...

— Procurem observar quais as plantas que têm folhas caducas, (releiam o número anterior), que colorido elas têm, em que época do ano elas caem...

— Observem as nervuras das folhas. Colecionem folhas com nervuras diferentes.

— Procurem saber dos pais de vocês, que tipos de folhas servem para chás e remédios. Que tipos de folhas vocês costumam usar como alimentos...

— Aguardem o próximo número em que vamos falar sobre a flor...

— E agora uma dica para vocês: tentem imaginar e escrever a história de uma árvore. Imaginem como ela nasceu, cresceu e morreu... Tudo que ela observou, sentiu e pensou... As conversas que teve com os passarinhos, as estrelas, o sol, o vento, a chuva... Que opinião esta árvore tem das pessoas...

— Depois que vocês escreveram a história, mandem pra gente, tá?



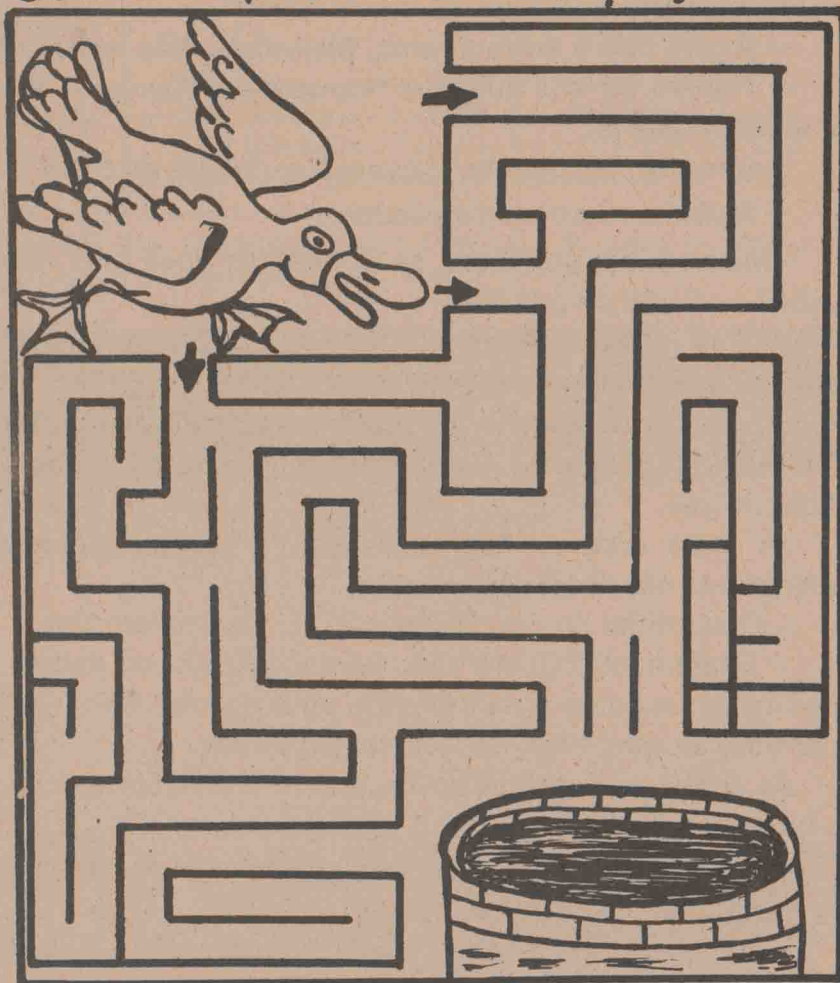
O PATO

Vinícius de Moraes

*Lá vem o Pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o Pato
Para ver o que é que há*

*O Pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo
Comeu um pedaço
De Jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi pra panela.*

Como o pato caiu no poço?...





Fernanda L. de Almeida

Todas as fadas do céu estavam reunidas no salão do palácio, esperando a Rainha. O medo era tão grande que só se falava cochichando. Todas tinham estado na festa de Clara Luz. E fora durante a festa que os bichos tinham saído do horizonte e invadido o palácio.

Clara Luz estava sentada entre a Fada-Mãe e a Professora de Horizontologia.

— Minha filha, é melhor você não dizer nada. Deixe que eu e a professora falamos, ouviu? — aconselhou a Fada-Mãe, muito pálida.

Quando a Rainha entrou, seguida pelas conselheiras e damas de honra, fez-se um silêncio profundo.

A Rainha acomodou-se no trono e depois olhou para as fadas, uma por uma.

Queria ver quem estava com cara de culpada.

Mas nisso, descobriu, lá no fim da sala, uma fada pequena, com uma cara muito esperta.

— Levante-se, menina. Você é a única que está com cara diferente. Como é seu nome?

Clara Luz, Majestade.

— Por que está com cara diferente?

A Fada-Mãe quis responder pela filha:

— A cara dela é assim mesmo, Majestade. Não repare.

— Reparo no que quiser — respondeu a Rainha — E ninguém pediu a sua opinião. Cale-se!

E com isso, felizmente, esqueceu-se da cara de Clara Luz.

As fadas respiraram aliviadas.

— Minha filha, por favor, se ela mandar você falar, fale o menos possível, sim? — Pediu a Fada-Mãe.

— Agora — disse a Rainha, tirando do bolso a carta da Bruxa Feiosa — eu quero que me expliquem porque essa maluca me escreveu esta carta. E depois quero saber de onde veio a bicharada que invadiu o palácio ontem à noite. Se esses dois assuntos não ficarem bem explicados, vocês todas estão despedidas do céu.

As fadas estavam habituadíssimas a serem despedidas pela Rainha. Mas dessa vez não entenderam bem:

— Despedidas do céu, Majestade? — gaguejaram elas.

— Exatamente. Quero tudo bem explicado ou dentro de dois dias não haverá mais nenhuma fada morando aqui no céu. Só eu e as minhas damas e conselheiras, que, aliás, não servem para nada.

As damas e conselheiras fizeram uma reverência, agradecendo. As outras fadas ficaram desesperadas:

— Mas Majestade: Para onde vamos nos mudar, assim de uma hora para outra?

— Isso é com vocês. Expliquem tudo ou serão despedidas.

Ninguém se atrevia a explicar nada. No meio daquelas caras de medo, a única diferente era a de Clara Luz. A Rainha logo notou isso:

— Levante-se, menina. Que cara de coragem é essa que você está fazendo?

— Desculpe, Majestade, mas não posso dizer. Mamãe me pediu para falar o menos possível. De modo que, se Vossa Majestade permitir, vou tornar a me sentar.

— Não permito, não. Fique em pé e fale o mais possível.

— Não posso, Majestade. Entre Vossa Majestade e mamãe, gosto muito mais de mamãe, que eu conheço há muito mais tempo.

Todos pensaram que a Rainha ia atirar o cetro em cima de Clara Luz.

— Obedeça à Rainha, minha filha — disse a Fada-Mãe, aflita — Fale.

— Pois não, para mim não custa nada, porque gosto muito de falar. Que é mesmo o que Vossa Majestade quer saber?

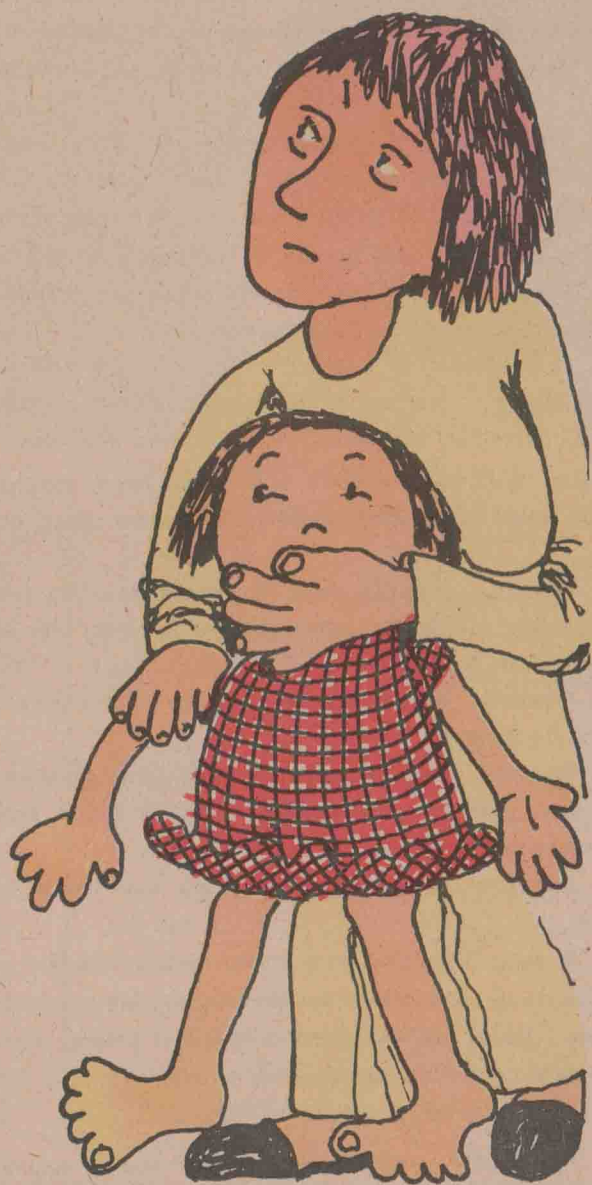
— Explique imediatamente a sua cara de coragem, menina.

— Bem, Majestade, deve ser por duas razões: a primeira é que não me importo de ser despejada. Para mim tanto faz morar no céu ou em outro lugar. A segunda é que posso contar tudo sobre a carta de Feiosa e a invasão dos bichos.

Ouvindo isso, algumas fadas desmaiaram, apesar de saberem que era proibido desmaiar no palácio. A Fada-Mãe quis falar, mas a Rainha não deixou:

— Sua filha sabe muito bem se explicar sozinha. Fale, menina. Comece pela carta da bruxa.

— Não sei o que ela diz na carta, mas com certeza está fazendo queixa porque coloriram a casa dela. Não é isso?





- Como sabe? — perguntou a Rainha.
- Sei porque quem coloriu fui eu. Quer dizer, eu propriamente, não. Eu colori a chuva e a chuva coloriu a casa dela.
- Como? Você coloriu a chuva? Não estou entendendo.
- Isso mesmo, Majestade. Colori a chuva de diversas cores, para ver como ficava. E ficou lindo. As fadas lá da terra gostaram muito.
- Devo estar sonhando — disse a Rainha — Tudo isso, que essa menina está dizendo, só pode ser sonho meu.
- Não é sonho, não Majestade. Eu, justamente, não gosto de sonhos. Em vez de sonhar com um leão dourado, prefiro fazer um leão dourado.
- Menina. Foi você que fez aquele leão que correu atrás de mim?
- Não, Majestade. Aquele, infelizmente, não fui eu que fiz. Aquele foi a professora de Horizontologia que descobriu. No dia em que nós fomos ao horizonte, ela descobriu que ele morava no oitavo.
- No dia em que vocês foram onde, menina?
- Ao horizonte, Majestade.
- Impossível. Horizonte é lugar para se ver de longe, não é lugar para se ir.
- Por que, Majestade?
- A Rainha não soube responder, então deu um berro:
- Porque é proibido e acabou-se.
- Vossa Majestade queira desculpar, mas eu não sabia que era proibido. Agora, se Vossa Magestade der licença, tenho uma opinião para dar sobre o assunto.
- Não dou licença nenhuma. Sente-se imediatamente.
- Clara Luz sentou-se. A Rainha não resistiu a curiosidade.
- Levante-se. Dê a opinião imediatamente.
- Majestade, a Gota Amarela, que já esteve na Terra muitas vezes sempre me conta histórias de lá. Um dia ela me contou que houve um rei, lá no Brasil, chamado D. João VI, que abriu os portos.
- E daí — interrompeu a Rainha. — Que é que tem isso com o horizonte?
- Tem muito, Majestade. Minha opinião é essa: se o rei D. João VI, que não era fada, pode abrir os portos, porque Vossa Majestade não pode abrir os horizontes?
- A Rainha ficou olhando, muito séria, para Clara Luz.
- Vossa Majestade, que é a Rainha das Fadas, vai querer ficar atrás de D. João VI?
- NUNCA. Não admito que nenhum Rei ou Rainha passe à minha frente.
- Nesse caso Vossa Majestade não tem outro remédio senão abrir os horizontes.

A Rainha ficou na maior dúvida. Por um lado, estava com uma inveja danada de D. João VI. Por outro lado, não queria abrir os horizontes de jeito nenhum.

Afinal resolveu ter um acesso de raiva:

— Quem é que manda neste céu, afinal de contas? Que mais essa menina fez? Que mais? Aposto que fez ainda muito mais coisas e ninguém me contou.

— Fiz, sim, Majestade. Felizmente, apesar de ter só dez ano, já fiz montes de coisas.

— Continue a falar — gritou a Rainha — Que mais você fez? Sou capaz de apostar que fez todos aqueles bichos que invadiram o palácio. Estou vendo que só pode ter sido você.

— Não, Majestade, eu não poderia fazer aquela bicharada sozinha. Nós todas fizemos juntas.

— Nós todas, quem?

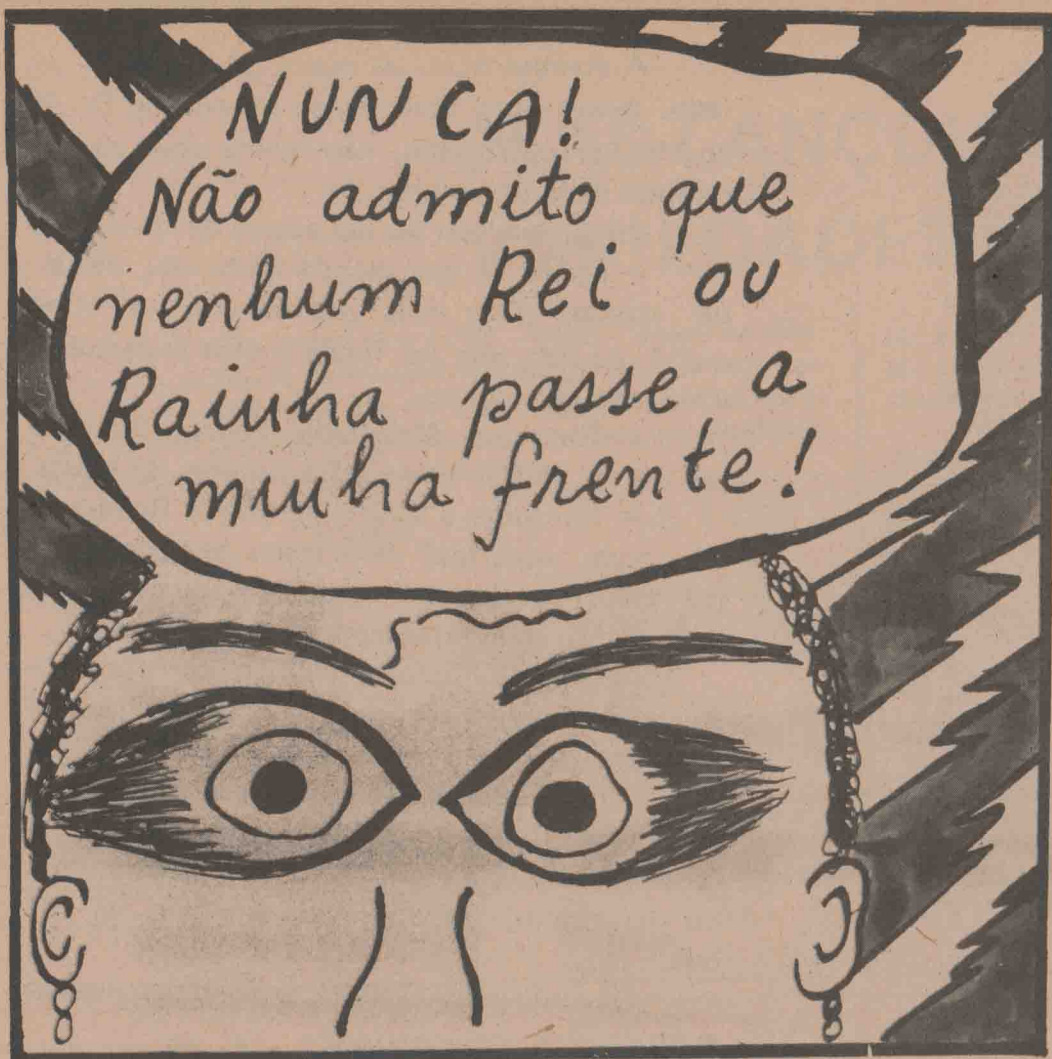
— As filhas todas. De noite, as mães ficaram loucas para entrar na brincadeira, mas no dia seguinte se arrependeram, não sei porque.

Ouvindo isso, mais algumas fadas desmaiaram.

— Não sei porque estão todas desmaiando — disse Clara Luz — Brincar de fazer bichos com as nuvens é um brinquedo tão antigo das fadas!

...em vez de SONHAR com um leão dourado, prefiro FAZER um leão dourado!!





— Sim, menina, mas não bichos que saiam galopando, urrando e relinchando. As mães tinham obrigação de ensinar isso às filhas. Assim que voltarem a si do desmaio, vão receber ordem de despejo.

— Vossa Majestade vai me desculpar, mas acho isso uma injustiça de Vossa Majestade.

A Fada-Mãe, pos as mãos na cabeça:

— Minha filha, por favor, não critique a Rainha.

— Não se meta. — Ordenou a Rainha — continue a criticar-me, menina.

Era a primeira vez que a Rainha mandava alguém criticá-la.

E só estava fazendo isso para mostrar que quem dava ordens era ela e não a mãe de Clara Luz.

— Essas que Vossa Majestade quer castigar — disse Clara Luz — são as que mais consultam o Livro de Fadas para tudo e nunca tiveram coragem de ter a menor idéia. Só ultimamente é que estavam começando a ter, mas Vossa Majestade, com esta reunião acabou com as idéias delas.

— Bom, ainda bem, — disse a Rainha.

— Se Vossa Majestade quer despejar alguém, é mais justo que despeje a mim, que nunca saí da Lição 1ª do Livro.

— Minha filha, porque você não cala a boca? — perguntou a Fada-Mãe, desesperada.

— Mamãe, ela me disse para falar o mais possível e você me disse para obedecer.

— Menina, que é que você disse? Que nunca saiu da Lição 1ª?

— É sim, Majestade. Não é que eu não goste de estudar, não. As aulas da Professora de Horizontologia, por exemplo, adoro. Mas as lições desse Livro, detesto, porque não gosto de Mofo.

— Pois então, Majestade? Esse livro está coberto de Mofo.

— Impossível, menina. Esse livro é um livro mágico, que não mofa.

— Mofa sim, Majestade. Se Vossa Majestade reparar bem, verá que ele está coberto por uma camadinha fina de mofo.

Essas palavras causaram uma sensação na sala.

— Vão já buscar o Livro, para eu mostrar a essa menina que ele não tem camadinha nenhuma.

As damas de honra foram correndo. Todas as fadas que não estavam desmaiadas vieram rodear o trono.

Todo o mundo queria ver se o tal mofo existia mesmo, ou não.

